

# HISTÓRIA DE LISBOA

## TEMPOS FORTES





**Chefe de Divisão**  
Luisa Mellid Monteiro

**Concepção e direcção**  
José Manuel Garcia

**Exposição e grafismo**  
João Rodrigues

**Textos e selecção de imagens**  
Ana Homem de Melo (AHM)  
Delminda Rijo (DR)  
Elisabete Gama (EG)  
Eunice Relvas (ER)  
Ilda Crujeira (IC)  
Inês Matoso (IM)  
José Manuel Garcia (JMG)  
Manuel Fialho Silva (MFS)  
Manuela Canedo (MC)

**Produção / Divulgação**  
Ana Maria Patrício  
Ana Paula Garcês  
Paula Candeias  
Vanda Souto

**Fotografia**  
Carlos Didelet

**Digitalização**  
Celina Trindade

**Tratamento de Imagem**  
João Rodrigues  
Jorge Rodrigues

**Site**  
Alexandre Fonseca

**Execução e montagem da exposição**  
F. Costa, Oficina de Museus

**Colaboração**  
Arquivo Municipal de Lisboa / CML  
Arquivo Histórico Municipal  
Arquivo Fotográfico  
Hemeroteca Municipal / CML  
Museu da Cidade / CML

**Apoio**  
Biblioteca da Ajuda  
Biblioteca Nacional de Portugal  
Fundação Humberto Delgado  
Museu Nacional dos Coches

**Agradecimentos**  
Álvaro Costa de Matos  
Ana Cristina Leite  
Andreas Gehlert  
Câmara Municipal de Oeiras  
Direcção do Serviço de Engenharia  
Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva  
Inês Viegas  
Leonilde Viegas  
Luísa Costa Dias  
Manuel Salgado  
Margarida Costa Lima  
Maria de Lurdes Baptista  
Misericórdia de Lisboa  
Pedro Serranito  
Rodrigo Banha da Silva  
Rui Manuel Matos  
Rui Ochôa / Expresso  
Sociedade Histórica da Independência de Portugal

**DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA / DGED**  
GEO – Gabinete de Estudos Olisiponenses  
Palácio do Beau Séjour  
Estrada de Benfica, 368. 1500-100 Lisboa  
Tel: 217701100 / Fax: 217782598  
geo@cm-lisboa.pt  
www.geo.cm-lisboa.pt

**Abreviaturas**  
**AF** Arquivo Fotográfico  
**AHM** Arquivo Histórico Municipal  
**AML** Arquivo Municipal de Lisboa  
**BA** Biblioteca da Ajuda  
**BL** British Library  
**BNF** Bibliothèque Nationale de France  
**BNP** Biblioteca Nacional de Portugal  
**BUL** Biblioteca Universitária de Leiden  
**CMC** Câmara Municipal de Cascais  
**CMO** Câmara Municipal de Oeiras  
**DMSE** Direcção do Serviço de Engenharia  
**FHD** Fundação Humberto Delgado  
**FRESS** Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva  
**HM** Hemeroteca Municipal  
**IAN/TT** Instituto Nacional dos Arquivos / Torre do Tombo  
**MC** Museu da Cidade  
**MCM** Museu Carlos Machado  
**MCT** Museu Cívico de Turim  
**MNAA** Museu Nacional de Arte Antiga  
**MNC** Museu Nacional dos Coches

*imagens da separata:*

*Terreiro do Paço, Dirck Stoop,  
óleo sobre tela, c. 1662(?), MC.  
PIN 261.*

*"Triste tableau des effects causés  
par le Tremblement de Terre et  
incendies arrivés a Lisbonne le 1 er  
Novembre 1755", gravura, 2.ª  
metade século XVIII, MC. GRA. 28*





## INTRODUÇÃO

História de Lisboa confunde-se com a História de Portugal. Esta afirmação, apesar de se revelar de uma evidência consensual, deve por isso mesmo suscitar uma reflexão crítica e prática sobre quais são os tempos fortes que marcam essa relação tão íntima entre o passado da cidade e o do País a que pertence.

O conjunto de quadros desta exposição, que nos revelam a história de Lisboa na de Portugal na sua muito longa duração, surge na sequência da evocação da Lisboa do século XVII que o Gabinete de Estudos Olisiponenses levou a cabo em 2008, no contexto da comemoração dos quatrocentos anos do nascimento do padre António Vieira naquela que denominava de “mais deliciosa terra do Mundo”.

Nesta introdução à abordagem dos tempos fortes que marcaram de forma indelével a História de Lisboa e as transformações por que passou, somos levados a lembrar com Camões, que “todo o mundo é feito de mudança, tomando sempre novas qualidades”, pois assim acontece com o mundo que é este espaço privilegiado pelos homens à beira do Tejo.

Ao abrir esta abordagem de uma história tão complexa como é a de Lisboa há que encontrar um marco simbólico para a iniciar e julgamos que pode ser encontrado no tempo em que a povoação entra para a História ao ser pela primeira vez registada num texto que refere a intervenção do cônsul Décimo Júnio Bruto ao fortificar a cidade de Olisipo em 138 a.C. Ao ser então integrada no império romano, inicia-se em Lisboa o processo da romanização que se prolongou para lá do fim do império no século V, pois continua através do cristianismo durante o período da Alta Idade Média, que foi marcado pelos domínios mal documentados de suevos e visigodos.

Com a invasão da Península Ibérica pelos mouros em 711 assinala-se uma nova fase longa da vida da cidade que passa pelo processo da sua integração no mundo muçulmano. O fim desse domínio islâmico em Lisboa surge em 1147, um dos pontos chave da sua história, pois foi graças ao cerco e conquista da cidade por D. Afonso Henriques que esta se integrou no jovem reino de Portugal. Um século depois, quando se conclui a formação de Portugal, D. Afonso III elevou Lisboa a um

estatuto de capital que nos dois séculos seguintes se irá consolidando, até que nos inícios do século XVI D. Manuel lhe irá dar uma projecção de capital imperial. Antes que tal acontecesse e dois séculos após a sua conquista, Lisboa ainda teve de passar por graves provações, como a da Peste Negra em 1348 e o desafio à independência de Portugal que foi colocado durante a crise revolucionária de 1383-1385. Foi nesta conjuntura que a posição de Lisboa foi decisiva na afirmação da soberania portuguesa, ao conseguir que o Mestre de Avis, o “Messias de Lisboa”, começasse a governar o País e conseguisse que os lisboetas resistissem ao cerco castelhano em 1384. Esta vitória, seguida de outras, levou a que D. João I iniciasse uma dinastia que durante dois séculos levou Portugal mais além, pois após os apertos da crise do século XIV surgiu o fenómeno da Expansão, iniciada com a partida do Tejo da armada que conquistou Ceuta em 1415. Um século depois, graças aos lucros ultramarinos e a uma política centralizadora reforçada durante o reinado de D. Manuel, Lisboa assumiu pela primeira vez na História um lugar de destaque na economia -mundo que começou a surgir. D. Manuel deixou a sua marca na cidade de forma indelével, nomeadamente com a formação de um centro de poder em torno do então criado Terreiro do Paço e a construção de dois dos seus mais emblemáticos símbolos: o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, que o são também da época dos Descobrimentos e da Expansão dos Portugueses pelo mundo. Mas se a Lisboa Quinhentista em inovação tem as suas facetas luminosas ao abrir-se aos oceanos e ao ser marcada pelo exotismo da presença de testemunhos das muitas culturas que então se descobriam, acaba por criar facetas obscurantistas que não podemos esquecer, como são as que transparecem na criação de uma instituição tão repressiva como foi a Inquisição. A Lisboa do Renascimento alcançou uma grande projecção europeia devido aos êxitos das navegações que daí partiam e das informações que aí se alcançavam, tendo Damião de Góis promovido a cidade através da edição de um livro em que pela primeira vez se evoca a história e as maravilhas de uma cidade cujas origens recuam aos tempos míticos de Ulisses. Na vida de Lisboa, tal como na dos homens, alternaram-se os tempos de prosperidade com os tempos de adversidade, daí que às fases de exaltação que se seguem à abertura do mundo que os portugueses

patrocinaram, se sucedam momentos de dor que marcaram a cidade como foram os de dois grandes desastres: a batalha de Alcácer Quibir em 1578 e a batalha de Alcântara em 1580. Tais calamidades levam a que Lisboa mergulhe em tempos problemáticos colocados sob o signo dos Filipes, durante os quais ainda teve a veleidade de, aproveitando as circunstâncias por que Portugal passou e sendo então a maior cidade ibérica, querer ser a capital de um império luso-espanhol à escala planetária. Frustrado que foi tal sonho, face ao desinteresse dos castelhanos por tal desígnio, preocupados que estavam em consolidar uma força centrípeta em Madrid, Lisboa volta-se de novo para a sua vocação de capital portuguesa e promove a Restauração. Em 1640, o Terreiro do Paço, que em 1581 e em 1619 havia sido engalanado para receber os Filipes, assistiu então ao golpe político que reencaminhou a História de Portugal para a sua plena independência e acolheu o novo rei D. João IV.

Assumido a direcção dos novos rumos do Portugal restaurado e depois dos tempos difíceis que lhe correspondem, Lisboa ao entrar no século XVIII teve de novo tempos de esplendor com D. João V. Mas aos anos sob o brilho do ouro brasileiro sucedeu-se uma fase negra como foi aquela que ficou marcada pela pior catástrofe por que Lisboa passou: o terramoto de 1755. Este cataclismo foi um dos mais devastadores de que a Europa se lembra e por certo foi bem pior do que o também terrível terramoto de 1531, que muito afectou Lisboa. A força da vida levou a que das ruínas se começasse a erguer a cidade nova que é a Baixa, a qual ganhou o epíteto de pombalina, tirado do título de um Sebastião José de Carvalho e Melo que, com o apoio do seu rei D. José, conseguiu a autoridade para levar a cabo um tal empreendimento. As feridas da tragédia foram cicatrizando e Lisboa foi ganhando uma nova dinâmica económica mas em tempos que levavam ao fim do Antigo Regime veio a sofrer um novo choque, prenúncio dos tempos que se avizinhavam. Foi em 1807, quando D. João VI teve de partir para o Brasil com o escol da sociedade portuguesa, acossado que foi pelas tropas napoleónicas, que desde então e até 1808 ocuparam a cidade naquela que foi a última invasão estrangeira da capital portuguesa.

Lisboa após um aperto das dificuldades que aí se viveram nesses tempos conturbados da chamada Guerra Peninsular e

das suas sequelas decidiu avançar para a liberdade, ainda que neste caso o tenha sido empurrada pelo Porto, onde em 1820 começou um movimento revolucionário. Mas foi a força de uma Lisboa liberal e burguesa, desejosa de começar uma nova época constitucional em que voltasse a ocupar o seu ancestral lugar de capital e de que nela permanecesse o rei como símbolo de um poder central, que levou a que este regressasse à metrópole, acabando assim o sentimento de que Portugal vivia numa situação de dependência do Rio de Janeiro.

O liberalismo surgiu para vencer mas até ao fim da Guerra Civil de 1832-1834 ainda se passou por muita agitação, que será a marca da Lisboa da primeira metade de Oitocentos, virada que estava para as novas realidades de um mundo dominado pelos anseios da burguesia que triunfava sobre tradições ancestrais.

Na segunda metade do século XIX, Lisboa vai renovar-se através da Regeneração, movimento histórico marcado pelo fontismo com a sua imagem de marca que é o comboio. O crescimento considerável da cidade leva a novos anseios e daí que da esperança da regeneração da monarquia se passe aos anseios de uma República salvadora, que surge proclamada em 1910 nos Paços do Concelho de Lisboa, depois do regicídio em 1908 de D. Carlos, na Praça do Comércio.

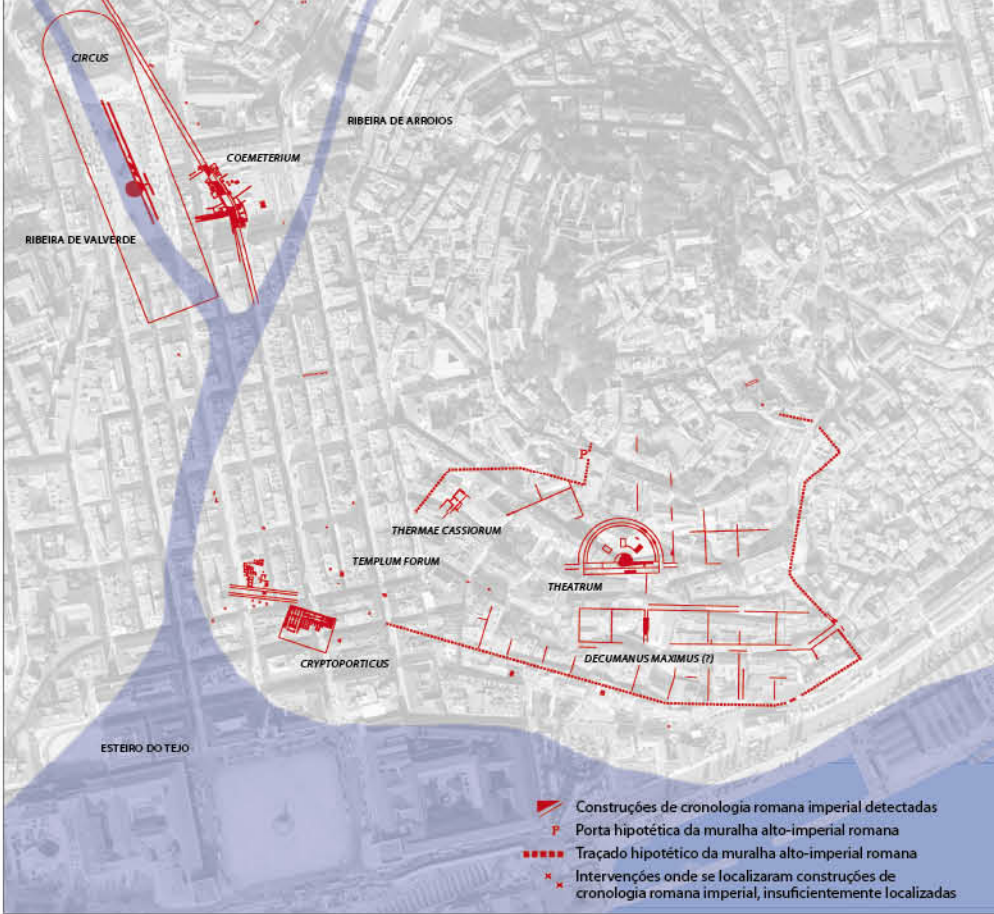
A agitação política e social do fim da monarquia não parou com a nova República e os sonhos que esta construiu acabaram por ruir em 1926 com a ditadura que veio de Braga e acabou por se consolidar num Estado Novo autoritário e repressivo com sonhos de grandeza imperial. Estes traduziram-se na emblemática Exposição do Mundo Português, que decorreu nos tempos difíceis da Segunda Grande Guerra, cujo fim levou à esperança frustrada de um regresso à democracia. Esta tardou, pois só surgiu na madrugada de 25 de Abril de 1974, quando Lisboa acordou para a liberdade nos tempos tumultuosos que então se viveram e levaram a uma renovação em vários campos, que se expressaram nomeadamente através da assinatura do tratado de adesão à Comunidade Económica Europeia ou de um evento de grande significado como foi o da Expo 98. Daí para a frente esta multissecular e multicultural Lisboa continuará a enfrentar os desafios de outros tempos e outras mudanças, numa história que será escrita no futuro. **JMG**



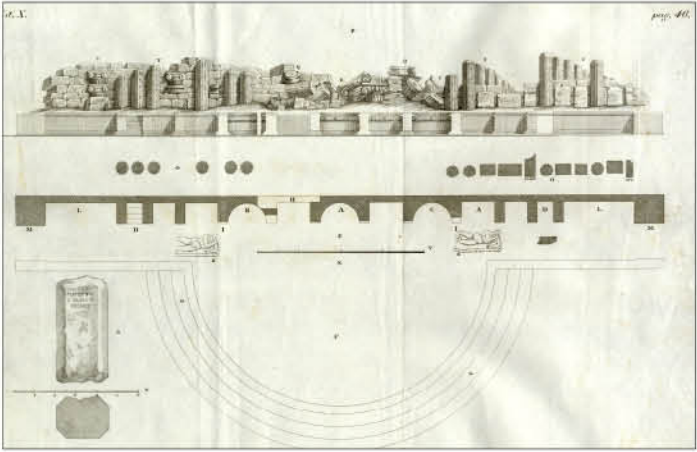
LISBOA ROMANA – FELICITAS IULIA OLISIPO  
138 a.C. - 711



A cidade entra para a História quando Décimo Júnio Bruto fortifica Olisipo em 138 a.C., acto que decorre durante a sua campanha para pacificar a Lusitânia. A urbe veio depois a ser um importante município do império romano, integrando-se no processo da romanização por que passou o actual território português. Na época romana de Olisipo, o desenvolvimento económico que então se manifestou ficou a dever-se em grande parte às importantes actividades derivadas da indústria de conserva e preparados de peixe. Com o fim do império, no século V, e durante o período da Alta Idade Média até ao século VIII, Lisboa foi marcada pelo domínio dos chamados povos bárbaros.



Localização dos principais achados da época romana em Lisboa a partir de Rodrigo Banha da Silva, em “Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira, 2005.



Gravura baseada no desenho de Francisco Xavier Fabri publicada por Luís António de Azevedo, *Dissertação crítico-filológico-histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendíveis circumstancias da erecção do tablado e orquestra do antigo Theatro Romano...*, 1815, p. 46, GEO.

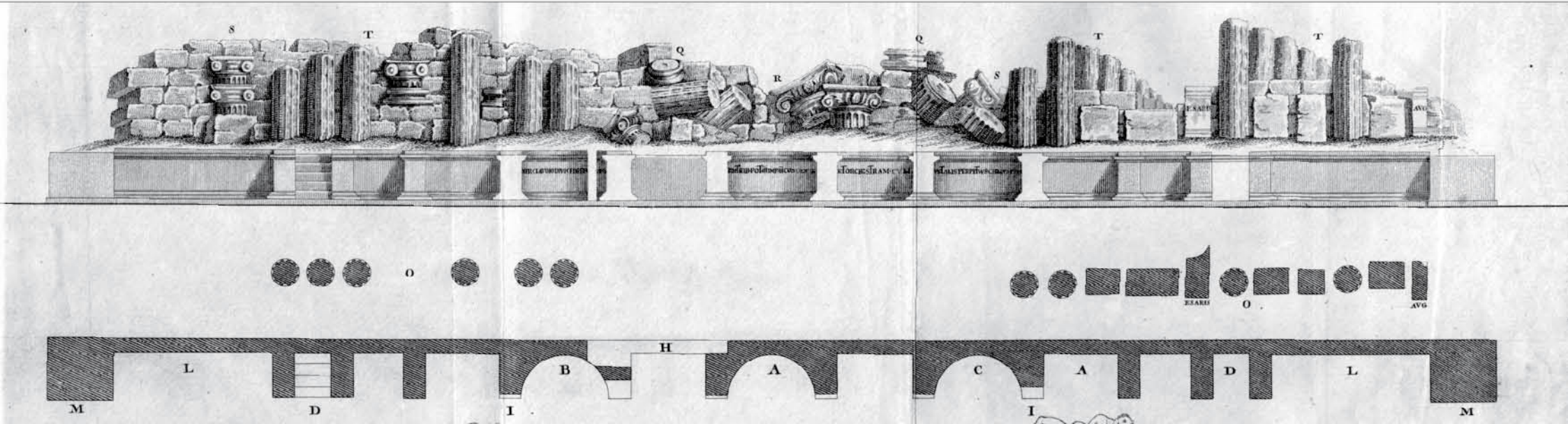


As inscrições 1 e 2 são dedicadas à Mãe dos Deuses, Cibele, deusa cujo culto tem origem na Ásia Menor. A inscrição 3 consiste num ex-voto dedicado a Mercúrio, deus protector dos comerciantes e viajantes. A inscrição 4 é dedicada ao Questor da Província da Bética, pela cidade de *Felicitas Iulia Olisipo* (detalhe em cima). As quatro inscrições foram encontradas em 1753, quando se procedia à construção do edifício que faz esquina entre o Largo da Madalena e a Travessa do Almada, e estão actualmente incrustadas na fachada oriental desse edifício.



Fragmento de pilastra visigótica(?), calcário, sécs. VI-VII(?), Rua dos Bacalhoeiros, MC. MC.ARQ.RB.44.EP.0046

**138 a.C.** Fortificação de Olisipo, Décimo Júnio Bruto. **27 a.C.-14 d.C.** Construção do Teatro Romano, Augusto. **14-37 d.C.** Criptopórtico da Rua da Prata. **50 d.C.** Construção das Termas dos Cássios. Reconstruídas em 336. **57 d.C.** Obras no Teatro Romano, Nero. **410** Alanos tomam Lisboa. **469** Lusídio entrega a cidade aos Suevos.

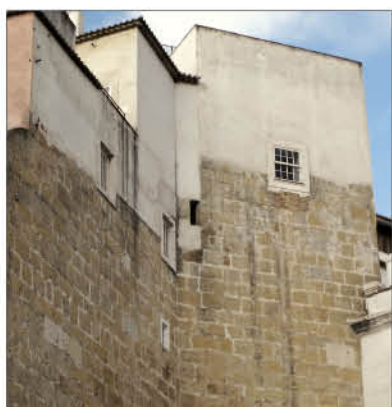




# 2

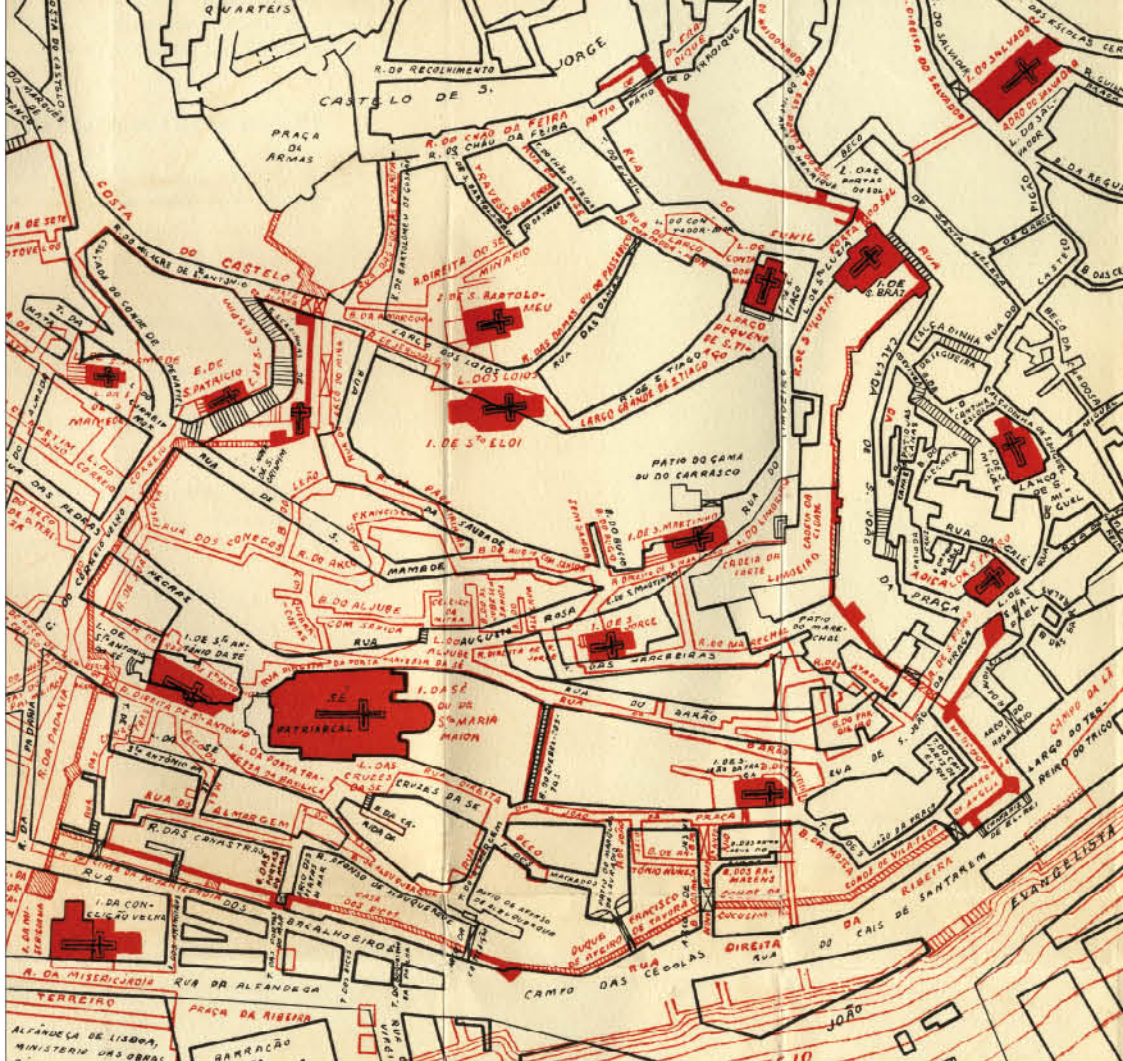
## AL USBUNA: LISBOA ISLÂMICA 711-1147

Com a invasão da Península Ibérica pelos mouros, em 711, assinala-se o início de uma fase em que Lisboa, três anos depois, se integrou no mundo muçulmano, no qual prosperou e viveu com grande autonomia. Nesses tempos, a cidade dividia-se em três grandes partes: uma, erguida no século XI, durante o período das taifas, correspondia à zona do castelo; outra, à alcáçova, que se ergueu ao seu redor, onde viveriam as elites muçulmanas; finalmente, a maior, onde habitava o grosso da população, localizava-se no espaço protegido pela chamada “cerca velha”, ou “moura”, e nos dois arrabaldes situados a ocidente e a oriente da muralha.



Torre Pentagonal do Lanço Oriental da muralha chamada “cerca moura” pertencente ao Palácio Belmonte.

Lápide funerária de al-Abbas Ahmad com inscrição árabe, calcário, 1398, Praça da Figueira, MC. ARQ.PDF/62/1 E A.



Planta da chamada “cerca moura” segundo A. Vieira da Silva em *A cerca moura de Lisboa*, Lisboa, 1939.



Pia de abluções com inscrição cúfica, calcário, sécs. XIII-XV, Rua de João Outeiro à Mouraria, MC. ARQ. RJO.90 EP.0067.

**714** Aidulfo entrega a cidade aos Mouros. **798** Afonso II, “O Casto”, conquista Lisboa. **808** Afonso II, perde Lisboa para os Mouros. **953** Investida na cidade por Ordonho III, rei de Leão. **966** Batalha contra os Normandos nos campos de Lisboa. **1009** Tremor de terra **1095** Lisboa tomada pelos Almorávidas, reintegrada no Al Andalus **1109** Cidade governada pelo reino de Leão, conde D. Henrique **1109** Tremor de terra **1110** Lisboa atacada e saqueada por frota normanda **1111** Tomada de Lisboa pelos Almorávidas **1117** Forte tremor de terra na cidade **1140** Tentativa falhada de conquistar Lisboa, por D. Afonso Henriques **1143** Revolta dos Muridinos de Ibn Quasi **1050 ca** Fundação do castelo.





# 3

## LISBOA AFONSINA ENTRE A CONQUISTA AOS MOUROS E A OUTORGA DO PRIMEIRO FORAL 1147-1179

O fim do domínio islâmico em Lisboa ocorre em 21 de Outubro de 1147, quando os seus habitantes iniciaram as negociações para a rendição aos cruzados europeus e aos portugueses, que a tinham cercado e atacado durante quase cinco meses. D. Afonso Henriques integrou então a cidade no recém formado reino de Portugal, decidindo que a vitória do cristianismo sobre o islamismo deveria ficar marcada pela construção da nova Sé sobre a antiga mesquita. Em 1179, Lisboa recebeu o primeiro foral, sinal da reorganização da cidade que começava a recuperar a sua antiga importância. Pouco tempo antes, em 1173, chegaram a Lisboa as relíquias de São Vicente, que passou a ser o patrono de Lisboa.



Tomada de Lisboa aos mouros em 1147 num óleo sobre tela anónimo de meados do século XVIIque esteve na ermida de S. Crispim, MC. PIN. 224.



Representação da disposição das forças que cercavam Lisboa numa gravura publicada em *El Alphonso del cavallero Don Francisco Botelho de Moraes y Vasconcelos*, Lisboa, 1716, GEO.



Sé de Lisboa, 2.ª metade do século XII que teve reconstruções sucessivas até aos inícios do século XX. Em frente, vê-se a igreja de Santo António, onde a tradição localiza o nascimento do Santo.

Lápide alusiva à conquista de Lisboa em 1147 no átrio da Sé de Lisboa, final do século XIII.



Foral dado por D. Afonso Henriques a Lisboa em Coimbra, em Maio de 1179, no traslado do dele foi feito em Novembro de 1217, em que D. Afonso II confirma esse foral e a confirmação que dele foi feita por D. Sancho I em 1186 ou 1187, AHM.



São Vicente, iluminura do chamado Livro de horas de D. Manuel, c. 1524(?), MNAA.

**1147 06 28** Início do Cerco de Lisboa. **1147 10 25** D. Afonso Henriques conquista a Cidade aos mouros. **1147 11 21** Lançamento da 1ª pedra da Igreja de São Vicente de Fora. **1168 ca.** Edificação da Igreja de Santa Cruz do Castelo. **1173 09 15** Chegada das relíquias do corpo de São Vicente à barra do Tejo. **1179** Realização das primeiras reuniões da Câmara de Lisboa à porta da Sé. **1179 05** Foral de Lisboa, D. Afonso Henriques. **1185** Início da Feira da Ladra, no Chão da Feira, ao Castelo de S. Jorge. **1195 08 15** Nasce na Freguesia da Sé Fernando de Bulhões, Santo António de Lisboa. **1204 08** Confirmação do Foral de Lisboa, D. Sancho I. **1241 10** Primeira pedra do Convento de S. Domingos. **1246** Concessão e confirmação dos privilégios à cidade de Lisboa, D. Afonso III. **1256** Passagem da cidade de Lisboa a Capital do reino de Portugal. **1290** Violento tremor de terra na Cidade. **1293** Criação da Bolsa de Mercadores. **1294** Edificação de uma linha de muralhas de defesa, ao longo da margem do Tejo, D. Dinis. **1294** Construção da Rua Nova dos Mercadores. **1317** Edificação da Igreja de São João da Praça, Alfama. **1322** Recontro de Alvalade, que opôs o exército de D. Dinis ao do infante D. Afonso. **1338** Transferência da Universidade de Coimbra para Lisboa.





# 4

## DA PESTE NEGRA À CERCA FERNANDINA 1348-1375

Representação da morte, pormenor de uma iluminura do chamado Livro de Horas de D. Manuel, c. 1524(?), MNAA.

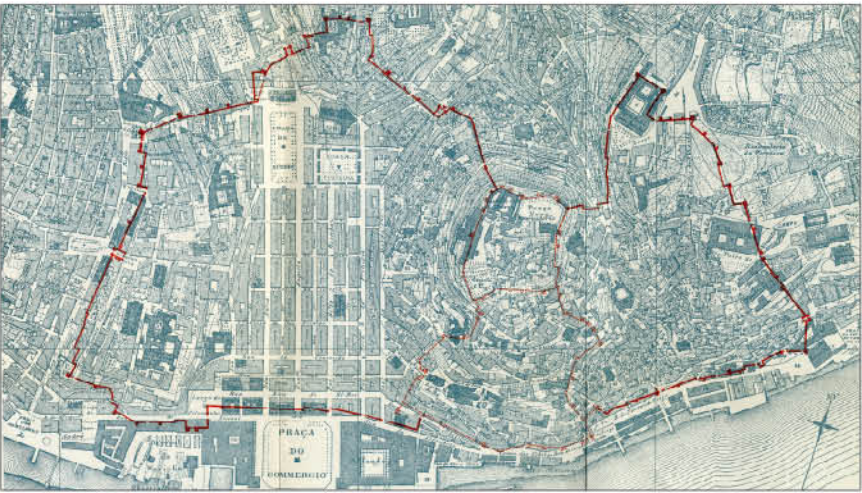


Um século depois da conquista de Lisboa, quando se concluiu a formação de Portugal, D. Afonso III elevou a cidade a um estatuto de capital do reino que se consolidaria nos dois séculos seguintes. Em 1348, a terrível Peste Negra afectou profundamente a cidade, que recuperaria vitalidade, bem patente no facto de D. Fernando ter mandado construir uma nova e extensa

muralha, em 1373-1375, para assegurar a sua defesa nos tempos conturbados das guerras com Castela. A área protegida ultrapassou seis vezes a abrangida pela “cerca velha”, tendo sido capaz de resistir com sucesso às ameaças que surgiram em breve.



Baixo relevo com as armas reais e o brasão de Lisboa que esteve no chafariz de Arroios, 1360, calcário, MC. ESC. 415.

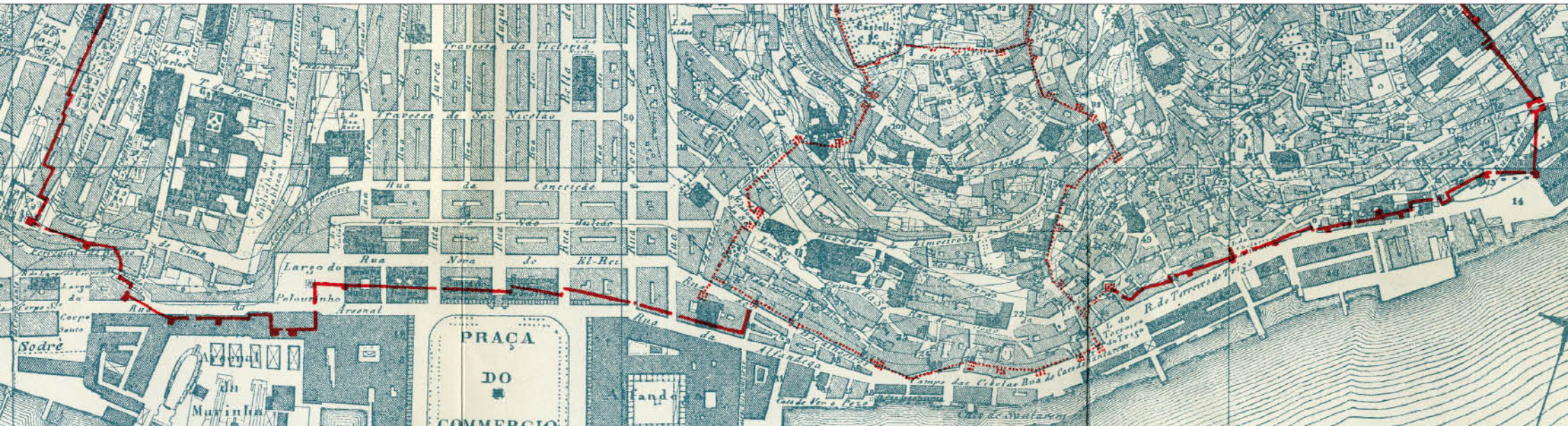


Traçado da cerca fernandina segundo A. Viera da Silva em *A cerca fernandina de Lisboa*, volume II, Lisboa, 1949. A muralha tinha 5,35 km de extensão contando com 77 torres e 38 portas e postigos, abrangendo uma área de 103,6 km<sup>2</sup>, a qual era 6,6 vezes maior que a da “cerca velha”, que abrangia 15,68 km<sup>2</sup>.



Troço da muralha fernandina no Liceu Gil Vicente.

**1348** Peste Negra. **1369 12 31** Grande incêndio destrói parte da Rua Nova e da Rua da Ferraria até ao Cais de Ver-o-Peso. **1372 05** Levantamentos populares na cidade contra o casamento de D. Leonor Teles com D. Fernando. **1373** Incêndio no Cerco de Lisboa por Henrique II de Castela. **1373-1375** Construção da Cerca Fernandina. **1375** Publicação da Lei das Sesmarias. **1381 07** Chegada ao rio Tejo da esquadra inglesa de Ricardo II, para ajudar na guerra com Castela.





# 5

## LISBOA ENTRE A ACLAMAÇÃO DO MESTRE DE AVIS E O CERCO DOS CASTELHANOS 1383-1384

Cerco de Lisboa em 1384 e batalha de Aljubarrota, detalhes de iluminuras das crônicas de Jean Froissart, BNF.



Um dos tempo mais dramáticos da história de Lisboa situa-se na conjuntura marcada pela crise revolucionária de 1383-1385, quando a posição da cidade foi decisiva na afirmação da soberania portuguesa, que então esteve em perigo. Em 6 de Dezembro de 1383, o Mestre de Avis foi escolhido pelo povo de Lisboa para “regedor e defensor” do reino, sendo esse “Messias de Lisboa” quem, a partir de 28 de Maio de 1384, dirigiu a resistência ao duro cerco que então os castelhanos põem à cidade. Após quase quatro meses de resistência, em que os lisboetas tiveram de passar por uma desesperante situação de fome, os invasores foram obrigados a abandonar o cerco face aos efeitos da peste.



Retrato de D. João I, século XV, MNAA.



D. João, Mestre de Avis, isenta do pagamento de portagem, usagem, costumagem, mealharia, alcavala e açougagem, todos quantos trouxeram mantimentos para a cidade de Lisboa, de modo a atenuar a escassez de géneros verificada em consequência do cerco de 1384, 6 de Outubro de 1384, AHM, Livro 1 de D. João I, doc. 3.



Convento do Carmo, gravuras publicadas na *Chronica dos Carmelitas*, de Frei José Pereira de Santana, 1746, GEO. Este monumento foi iniciado em 1389 por ordem do Condestável Nuno Álvares Pereira, que assim quis afirmar o seu poder na sequência da construção do Mosteiro da Batalha, mandado fazer por D. João I para consagrar a vitória sobre os castelhanos.

**1383 12 06** D. João, Mestre de Avis, apunhala o conde de Andeiro, no Real Paço do Limoeiro. Dias depois é eleito regedor e defensor do Reino. **1384** Peste na Cidade. **1384 04 01** Carta que institui a Casa dos Vinte e Quatro. **1384 05 30** Cerco de Lisboa, D. João I, rei de Castela, fixando as tropas no Monte Olivete. **1389 07 16** Lançamento da primeira pedra do Convento do Carmo, pelo Condestável D. Nuno Alvares Pereira. **1393 11 10** Instituição do Arcebispado de Lisboa pela *Bula Ineminentissimae Dignitatis*, de Bonifácio IX. **1395** D. João I faz arruar os mesteres de Lisboa. **1399 08** Cortes de Lisboa, D. João I. Solicita-se dinheiro para continuar a guerra com Castela. **1414-1415** Peste em Lisboa (e Porto), presença de barcos estrangeiros nos portos.





# 6

## LISBOA NO PROCESSO DA EXPANSÃO E DOS DESCOBRIMENTOS: ENTRE AS PARTIDAS PARA CEUTA E PARA A ÍNDIA 1415-1497

Caravela, detalhe dos painéis de Santa Auita, c. 1520, MNAA.



D. João I, depois de ter reafirmado a independência de Portugal durante tempos de crise profunda, iniciou o processo da Expansão ao ordenar, em 25 de Julho de 1415, a partida do Tejo da armada que conquistou Ceuta. Mais tarde, navegadores deixaram as mesmas águas à descoberta de “novos mundos do Mundo”, de entre os quais sobressai o mais famoso: Vasco da Gama. Este fidalgo, ao abrir o caminho marítimo para a Índia, entre 1497 e 1499, iniciou uma nova época nas relações entre o Ocidente e o Oriente.

A abertura que os portugueses promoveram, devido às iniciativas do infante D. Henrique e dos reis D. João II e D. Manuel, ficou simbolizada em dois dos mais emblemáticos monumentos de Lisboa: o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém.

Brasão de Lisboa com a representação de uma nau, iluminura do regimento dos vereadores da Câmara de Lisboa, vulgarmente denominado “Livro carmesim”, 1502, AHM. Dentro da nau encontra-se o corpo de São Vicente, o patrono da cidade, acompanhado à proa e à popa pelos dois corvos tradicionais. A nau está assente sobre ondas pintadas a azul. A representação desta nau de quatro mastros é a mais antiga que se conhece na pintura portuguesa. A reforçar a importância desta iluminura é de considerar a circunstância de constituir a imagem que nos permite visualizar a forma das naus que fizeram viagens tão significativas como as que tiveram por protagonistas Vasco da Gama (1497-1499) e Pedro Álvares Cabral (1500-1501).



Pormenor de um dos painéis centrais do políptico de Nuno Gonçalves dedicado a São Vicente, c. 1471(?), MNAA.



Nossa Senhora do Restelo, meados do século XV, Igreja da Conceição Velha. Foi perante esta imagem que oraram os navegadores antes da construção do Mosteiro dos Jerónimos.



Estátua do infante D. Henrique; pórtico Sul e estátua de D. Manuel, pormenores do Mosteiro dos Jerónimos.



Torre de Belém, gravura aberta a água-forte por Dirck Stoop, 1662, MC. GRA 1441.

**1415 07 25** Partida da Armada que conduzirá D. João I à conquista de Ceuta. **1439** Infante D. Pedro é nomeado regente do Reino, em Lisboa. **1439** Cortes decidem a construção do Palácio dos Estaus, Rossio. **1449 12** Assalto à Judiaria Velha por um grupo de cristãos, saqueando bens e matando alguns judeus. **1452** Edificação da Ermida de Santa Maria de Belém, D. Henrique. **1456** Peste na sequência da fome e da crise cerealífera que se arrastava desde 1452. **1470** Fundação do Convento de Santos-o-Novo. **1476** Cristóvão Colombo chega pela primeira vez a Lisboa. **1486** Criação da Casa dos Escravos. **1488 12** Chegada a Lisboa de Bartolomeu Dias, após descoberta do Cabo da Boa Esperança. **1488-1489** Surto de peste na Cidade. **1492 05 15** Primeira pedra do Hospital Real de Todos os Santos. **1497 07 08** Partida da armada de Vasco da Gama para a viagem de descoberta do caminho marítimo para a Índia. **1497** Conversão e expulsão forçada de judeus e muçulmanos. **1498 08 15** Fundação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa por D. Leonor.

Mosteiro dos Jerónimos numa pintura a óleo sobre tela de Filipe Lobo, 1657(?), MNAA.





# A LISBOA MANUELINA ENTRE O FORAL NOVO E O SONHO DE UMA NOVA ROMA

## 1500-1521

Caixa de pesos, bronze, 1499, MC. depósito da Família Keil do Amaral.



Nos inícios do século XVI, graças aos lucros ultramarinos e a uma política centralizadora, Lisboa assumiu um lugar de destaque na economia-mundo que então surgia. D. Manuel deixou a sua marca na cidade de forma indelével, quer através da formação de um centro de poder em torno do Paço da Ribeira e do Terreiro do Paço, quer na conclusão de grandes edifícios, como o Hospital de Todos os Santos, ou ainda através de medidas como a concessão do foral novo em 1500. A Lisboa do período manuelino viveu então uma das fases mais notáveis da sua história quando se abriu aos oceanos e foi marcada pelo exotismo dos testemunhos das muitas culturas então descobertas.



Lisboa numa iluminura do frontispício da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, atribuível a António de Holanda, c. 1520, CMC.



Foral novo de Lisboa, 6 de Agosto de 1500, AHM.



Torreão e galeria do Paço da Ribeira, pormenor de um dos painéis dos Santos Mártires de Lisboa, anónimo, meados do século XVI, Ponta Delgada, MCM.



Funeral de D. Manuel, passando pela Rua Nova dos Mercadores, iluminura do chamado *Livro de horas de D. Manuel*, atribuível a António de Holanda, c. 1524(?), Lisboa, MNAA.



Pórtico manuelino da antiga Misericórdia, iniciada em 1508, actualmente igreja da Conceição Velha.



Igreja da Madre de Deus, detalhe dos painéis de Santa Auta, c. 1520, MNAA.

**1500** Partida de Gaspar Corte Real para a Terra Nova. **1500 08 07** D. Manuel concede novo foral à cidade de Lisboa. **1500-1510** Construção do Paço Real da Ribeira. **1501 07** Chegada a Lisboa da armada de Pedro Álvares Cabral, após o descobrimento do Brasil. **1502** Início das obras do Convento dos Jerónimos. **1502** Início do funcionamento do Hospital de Todos-os-Santos. **1502 06 06** Representação no Paço da Álcacova do “Auto da Visitação ou Monólogo do Vaqueiro”, de Gil Vicente, para saudar o nascimento do futuro rei D. João III. **1508-1511** Torreão do Paço Real da Ribeira. **1513** Início do loteamento dos terrenos do Bairro Alto. **1514-1520** Construção da Torre de Belém. **1523** Construção da Casa dos Bicos. **1531 01** Tremores de terra. **1539 08 27** Restabelecimento e reformulação da Casa dos 24, D. João III. **1539** Instituição do Tribunal do Santo Ofício. **1540 04 17** Chegada dos primeiros jesuítas a Lisboa. **1540 09 20** Realização do primeiro Auto-de-Fé, Ribeira de Lisboa. **1551 01 28** Violento tremor de terra.

Hospital Real de Todos-os-Santos, painel de azulejos, início do século XVIII, MC. AZU. PF. 0060.





## Lisboa entre o massacre dos judeus e a Inquisição 1506-1821

Gravura alemã publicada em 1506 num opúsculo alusivo ao massacre dos cristão novos em Lisboa.



A inovadora Lisboa Quinhentista teve, contudo, a sua faceta obscurantista, expressa na intolerância e no fanatismo, como ficou patente no episódio do massacre de cerca de 2000 de cristãos novos (judeus recém-convertidos), em 1506 e na actuação posterior da Inquisição, instituição politico-religiosa cujo funcionamento repressivo se arrastou dramaticamente até à sua extinção em 1821.



Gravura alemã publicada em 1506 num opúsculo alusivo ao massacre dos cristão novos em Lisboa.



Cerimónia de julgamento na Inquisição, gravura de Pierre Landry impressa em *Description de l'univers contenant les différents systèmes du monde, les cartes générales et particulières de la géographie...*, Allain Manesson Mallet (1630-1706), tomo IV, Paris, Chez Denys Thierry, 1683, p. 315. GEO.



Representações de condenados da Inquisição; procissão de um Auto-de fé no Rossio; Auto de fé no Terreiro do Paço em gravuras de Jacobus Baptist publicadas a partir de 1707 em obras editadas por Pierre Vander Aa, retiradas do exemplar de *Les royaumes d'Espagne et de Portugal représentés en tailles-douces très exactes, dessinées sur les lieux mêmes qui comprennent les principales villes...*, Leide, Chez Pierre Vander Aa, [s.d.], GEO.



**1506 04 19** No Rossio e na Ribeira foram queimados centenas de cristãos-novos. **1506 05 22** Carta régia retira à capital grande parte dos seus antigos privilégios na sequência do massacre do Rossio.





## O ELOGIO DE LISBOA NO RENASCIMENTO 1554

VRBIS OLISIPONIS DESCRIPTIO PER DAMIANUM GOEM EQUI-TEM LUSITANUM, / In qua obiter tractantur nō nūlla de Indica navigatione, per / Graecos, et Poenos et Lusita/nos diuersis temporibus inculcata, Évora, André de Burgos, em Outubro de 1554, (24) f. GEO 239-P.

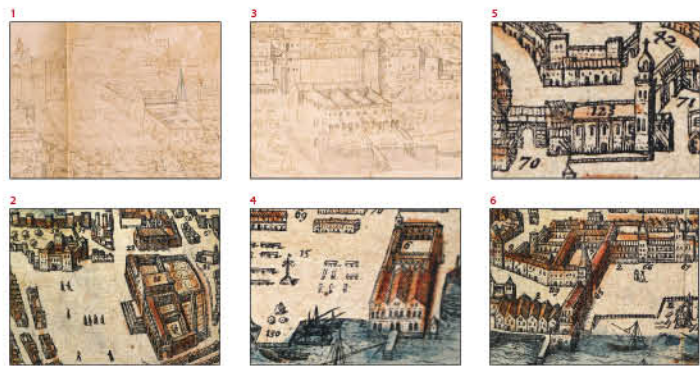


A Lisboa do Renascimento alcançou uma grande projecção europeia devido aos êxitos das navegações que daí partiam e das informações que aí se alcançavam. Damião de Góis promoveu-a através da edição, em 1554, de um livro intitulado *Urbis Olisiponis descriptio* (...). Nesta obra evoca-se, pela primeira vez, a história e as sete maravilhas de uma cidade, cujas origens recuavam aos tempos míticos de Ulisses. Em meados do século XVI a capital

tinha cerca de 100 000 habitantes e era um dos principais centros do comércio mundial. Francisco de Holanda chegou a a apresentar, em 1571, grandes projectos para a sua renovação.



Lisboa e região entre Belém e Cascais numa gravura publicada por Georg Braunius em *Civitates orbis terrarum*, volume I, Colónia, 1572, MC. GRA. 1397. Esta representação talvez se baseie num desenho cujo original poderá datar de cerca 1513(?). No verso desta gravura publica-se uma descrição de Lisboa de acordo com a obra de Damião de Góis *Urbis olisiponis* (...).

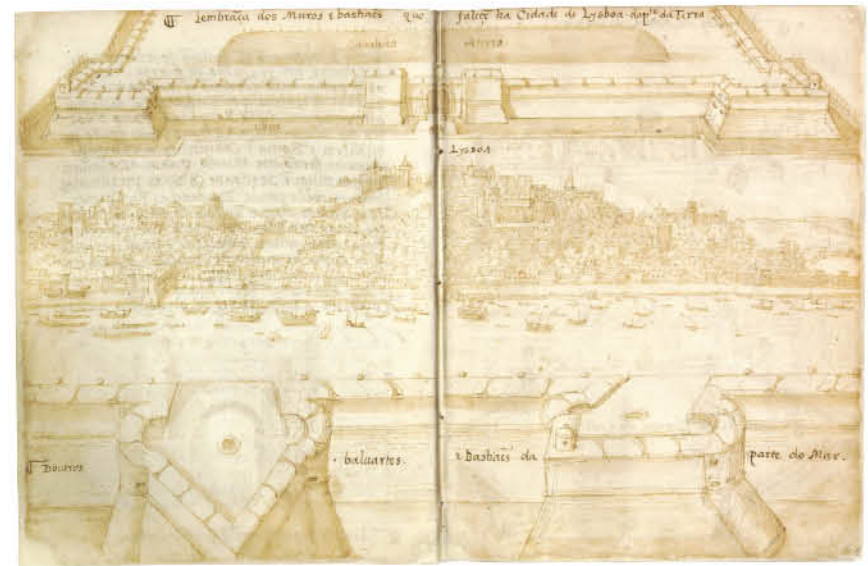


As sete maravilhas de Lisboa segundo Damião de Góis no desenho da BUL, c. 1570 (imagem 1 e 3) e na segunda gravura de G. Braunius, c. 1598, com base em desenho de c. 1565 (imagem 2, 4, 5 e 6).

- 1 e 2 Palácio dos Estaus e Hospital de Todos os Santos
- 3 Alfândega Nova, Terreiro do Trigo e Misericórdia
- 4 Terreiro do Trigo e Alfândega Nova
- 5 Misericórdia
- 6 Casa da Índia e Armazém.



Iluminura com a representação de Lisboa na *Genealogia dos reis de Portugal* por António de Holanda e Simão Bening, 1530-1534, Londres, BL.



Lisboa num desenho à pena e tinta sépia de Francisco de Holanda em *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, f. 8 v-9, Julho de 1571, Lisboa, BA, 52-XII-24.

**1554** Publicação de *Urbis Olisiponis Descriptio*, Damião de Góis. **1556** Reconstrução da Igreja de S. Domingos, após o Terramoto de 1531. **1561** Fundação do Convento de Santana, Praça do Chile. **1566** Início da construção da Igreja de São Roque. **1569** Grande surto de peste na capital e no país. **1570** Fundação do Convento de Santo António dos Capuchos, Hospital dos Capuchos. **1570 04** Regresso de Luís de Camões a Lisboa, vindo do Oriente. **1570** Instalação definitiva do Tribunal da Inquisição, no Palácio dos Estaus. **1571 04 04** Damião de Góis é processado pela Inquisição. **1572 09 24** Licença régia concedida a Luís de Camões para imprimir *Os Lusíadas*. **1572 12 12** Carta de D. Sebastião a estabelecer a nova forma de eleição do Senado. Os vereadores eram designados por nomeação régia e, pela primeira vez, surgia a figura de presidente, que foi Afonso Brás de Albuquerque. **1573 12 24** Celebração da primeira missa no Convento de S. Bento, à Estrela. **1575 06 13** Início da construção da Igreja de Nossa Senhora da Luz. **1575** Registo de dois tremores de terra em Lisboa, nos dias 7 de Junho e 17 de Julho.





# 10

## LISBOA ENTRE DOIS DESASTRES: A BATALHA DE ALCÁCER QUIBIR E A BATALHA DE ALCÂNTARA 1578-1580

Depois de Lisboa ter vivido tempos de prosperidade e exaltação, seguiram-se momentos de dor como aqueles que marcaram a cidade na sequência de dois grandes desastres: a batalha de Alcácer Quibir, em 1578, que levou à morte de D. Sebastião; e a batalha de Alcântara, em 1580, da qual resultou a derrota do exército de populares que aceitavam D. António como rei. Lisboa mergulhou então em tempos problemáticos sob a alçada do poder filipino.



Lisboa, gravura publicada por Georg Braunius em *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, de Georg Braun, s.l, s. d. (c. 1598), MC. GRA. 1733. Talvez baseada num desenho de cerca 1565(?).



Batalha de Alcácer Quibir, gravura publicada por Miguel Leitão de Andrade em *Miscellanea do sítio de N. S. da Luz do Pedrogão Grande...*, Mateus, Pinheiro, 1629, GEO MON 244-P.



Batalha de Alcântara. Vista panorâmica a partir de Monsanto, centrada na ribeira de Alcântara, desde o antigo convento de São Vicente de Fora (??) até à Torre de Belém, com o posicionamento das tropas de D. António, prior do Crato e das tropas de Filipe II de Espanha, comandadas pelo duque de Alba. Desenho, 1580. Desenho: pena a sépia, aguadas a sépia e bistre sobre papel; 44x58 cm. Título original extenso manuscrito na margem superior em língua francesa; legendas manuscritas em correspondência topográfica, em castelhano. Título: "Portraict du sitie et ordre de La bataille donnee entre Le sr. don Antonio nommè roy de portugal et Le duc dalbe Lieutenant et capp.ne general du Roy cath. Don philippe 2. deuant Lisbonne par mer et par terre en un mesme jour Le 25. d'aoust 1580." - Legendas (da esquerda para a direita e de cima para baixo): "Palmela 5 leguas de lisboa; Almada; Armada de don Antonio; galeras de su mag.t; Torre vieja q. tenia por don António; Rio Tejo; naos de su mag.t; Lisboa; castillo; Arrabal de

S.ta catalina; Portugueses; molino; ytalianos; ytalianos; Burgo; S.to amaro; quinta; Belen; Torre de Belen; S. bento; Portugueses q. ...uyen; Portugueses q. ...uyen; Puente de Alcantara; Ytalianos...y...; Tudescos; alojamiento del exercito de su mag.t; Campo de don Antonio; tiendas de don Antonio; Portugueses; Rio de alcantara; Artilleria de su mag.t; espanoles; artilleria de su mag.t; quintas; Portugueses; ...de don Antonio; portugueses; Duq. dalua; Tudescos; caulleria de su mag.t; Sancho de Auila; espanoles arcabuzeros q. van a cometer; cauallos ligeros; el prior don Hernando; ...; arcabuzeros de a cauallo y ginetes". - Data segundo o tema tratado e a análise da caligrafia: legendas de finais do séc. XVI ("el prior don Hernando" e "Burgo" com caligrafia diferente e um pouco anterior); tit. posterior, provavelmente princípios do séc. XVII, - Desenho linear com tinta idêntica à utilizada nas legendas; sobreposição de aguadas a sépia e bistre, sendo a tinta sépia idêntica à utilizada no título. Descrição da BNP, D 319 A.

**1579 05 11** Colocação da primeira pedra do Convento de Santo Antão-o-Novo (Hospital de São José). **1579-1580** Surto de peste na cidade. **1580 06 10** Morte de Luís Vaz de Camões. **1580 06 28** Entrada em Lisboa de D. António, Prior do Crato, como rei de Portugal. **1580 08 25** Derrota do exército de D. António, junto à ponte de Alcântara, pelas tropas de Filipe II de Espanha.





# 11

## AS VISITAS DOS FILIPES A LISBOA E A LISBOA FILIPINA 1619

Com a vinda de Filipe II de Espanha (I de Portugal) a Lisboa em 1581, a cidade viu renovadas algumas das suas estruturas urbanas. Esta circunstância, aliada à sua posição geográfica e a realidade de ser o maior centro urbano ibérico, fez com que algumas personalidades pensassem que Lisboa deveria transformar-se na capital de um império luso-espanhol à escala planetária. Esse sonho foi frustrado por Filipe II de Portugal, quando visitou o reino, em 1619, bem como pelo seu sucessor, visto estarem preocupados em consolidar uma força centrípeta em Madrid, o que acabou por afectar fortemente os interesses de Lisboa.



Entrada de SV MG. Don Phelipe III en Lisboa en 1613 (sic. por 1619), Tela, 1620(?)  
Palácio de Weilburg (Alemanha).



Igreja de São Vicente de Fora, mandada construir por Filipe I de Portugal.

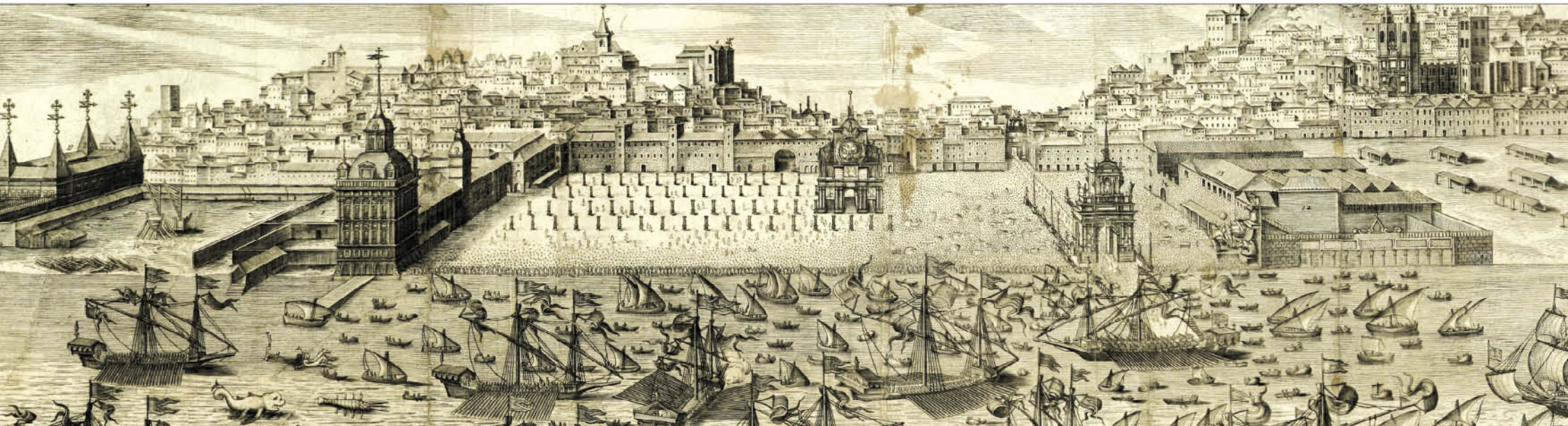


Paço da Ribeira e palácio Corte Real, gravura a água-forte de Pieter van den Berge retirada do volume *Theatrum Hispaniae*, Amsterdão, s.d (c. 1700), MC GRA 870 .



Vista de Lisboa durante o desembarque de Filipe II de Portugal no Terreiro do Paço em 29 de Junho de 1619, gravura de Hans Schorken (*Ioan Schroquens*) segundo desenho de Domingos Vieira Serrão, publicada no livro de João Baptista Lavanha, *Viage de la Catholica (...)* D. Filipe III, Madrid, 1622, MC. GRA. 1404.

**1581 06 29** Chegada a Lisboa de Filipe I de Portugal, Filipe II de Espanha. **1585 ca** Construção do Palácio Corte-Real, ao Paço da Ribeira. **1587** Início da procissão do Senhor dos Passos da Graça. **1588 05 27** Partida da Invencível Armada. **1589 05 30** Cerco da barra de Lisboa pelos ingleses, sob o comando de Francis Drake e do general Norris. Pretende-se colocar D. António no trono português. **1594** Aula de Risco do Paço da Ribeira. **1598-1603** Surto de peste. **1607** Chafariz de Neptuno, Rossio. **1609 03 10** Filipe II recomenda ao Senado que realize obras no Paço da Ribeira, para aí se hospedar. **1613** Conclusão da Ermida das Necessidades. **1614** Publicação de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto. **1619 06 29** Entrada triunfal de Filipe II na Capital, com a chegada ao Terreiro do Paço. **1620** Publicação da obra *Livro das Grandezas de Lisboa* de Frei Nicolau de Oliveira. **1623 05** Motim em Lisboa contra Castela. **1629 08 27** Inauguração da Igreja do Convento de São Vicente de Fora. **1630** Motins antijudaicos. **1630 01 15** Arrombamento do Sacrário e profanação das hóstias sagradas na Igreja de Santa Engrácia.





# 12

## LISBOA E A RESTAURAÇÃO 1640

Preparação da Restauração, detalhe de azulejos setecentistas do Palácio da Independência de Portugal, Lisboa.



Em resposta ao agravamento das dificuldades sentidas pelos portugueses sob o domínio dos Filipes, assistiu-se no dia 1 de Dezembro de 1640 ao reafirmar Lisboa como capital de Portugal independente, sem as ambiguidades de uma monarquia dual. Para esse efeito um grupo de conjurados promoveu a Restauração. Um golpe de Estado levado

a cabo no Terreiro do Paço colocou no trono D. João IV, que passou a dirigir o difícil processo político-militar e assegurou, novamente, a plena soberania do Estado português.



Representações da Restauração em 1640 numa gravura alemã aberta a buril, dividida em quadros, 1641, MC. GRA. 1074.



Terreiro do Paço, Dirck Stoop, óleo sobre tela, c. 1662(?), MC. PIN 261.



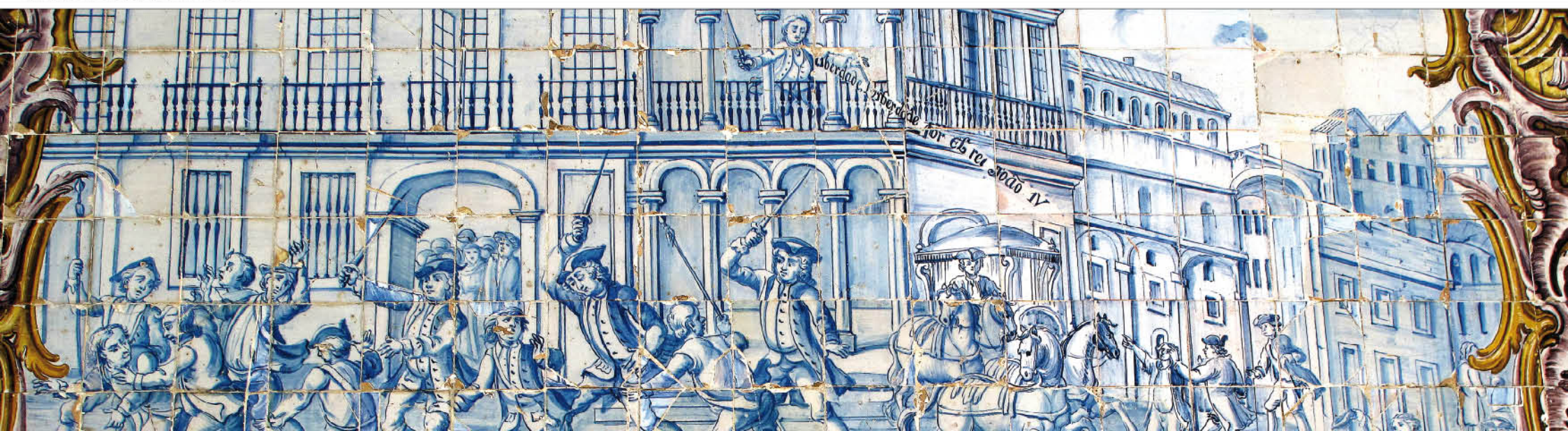
Defenestração de Miguel de Vasconcelos, gravura publicada por René Aubert Vertot, *Histoire des revolutions de Portugal*, Amsterdão, D'Etienne Roger, 1712, GEO.



Planta de Lisboa, João Nunes Tinoco, desenho aguarelado, cópia do original de 1650 entretanto perdido. MC. DES. 1084.

**1640 12 01** Restauração da Independência de Portugal. Aclamação do rei D. João IV. **1641 11** Publicação da *Gazeta em que Se Relatam as Novas todas que Houve Nesta Corte...* **1642 01 01** Padre António Vieira prega pela primeira vez em Lisboa, Capela Real. **1646 03 25** Consagração de Nossa Senhora da Conceição, decretada como Padroeira do Reino. **1650** Primeiro levantamento e planta topográfica de Lisboa pelo arquitecto João Nunes Tinoco. **1652** Publicação da obra *Fundação, antiguidade e grandesas da mui insigne cidade de Lisbôa* da autoria de Luiz Mousinho de Azevedo. **1652 03 11** Decreto de D. João IV a ordenar a construção de uma linha de defesa fortificada em torno de Lisboa. **1661 10 10** Tourada e danças no Terreiro do Paço, festividades do casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra. **1665 05 13** Abertura da rua Nova do Almada. **1679** Publicação do primeiro volume *do Sermonario*, do Padre António Vieira. **1682 08 31** Primeira pedra da nova Igreja de Santa Engrácia. **1688 05 04** Criação da primeira lotaria oficial. **1689 10 25** D. Pedro II decreta que as ruas da cidade sejam iluminadas durante a noite. **1698 06 15** Início da construção da Igreja da Conceição Nova. **1699 05 13** Nascimento de Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e depois Marquês de Pombal.

Representação da Restauração em detalhe de azulejos setecentistas do Palácio da Independência de Portugal, Lisboa.





# 13

## DO ESPLendor EM D. JOÃO V E A LISBOA JOANINA 1707-1750

Coche da embaixada de D. João V ao Papa Clemente XI, 1716, MNC.



Na primeira metade do século XVIII, durante o reinado de D. João V, Lisboa alcançou novamente tempos de esplendor. A conjuntura económica e financeira favorável, decorrente, em grande parte, da descoberta de minas de ouro e diamantes no Brasil, permitiu-lhe definir as linhas de força do programa de governo. O reforço do poder real foi fortemente marcado por uma política de prestígio, que se traduziu, entre outros, na exibição do fausto, no espectáculo das festas, no aparato dos cortejos das embaixadas e no mecenato cultural e artístico. A capital, na qualidade de sede da Corte, foi embelezada; idealizaram-se projectos arquitectónicos e urbanísticos, mais ou menos concretizáveis. E solucionou-se, finalmente, uma dos grandes problemas da cidade – o do abastecimento de água – com a construção do emblemático Aqueduto das Águas Livres.



Vista do Aqueduto (Vale de Alcântara), desenho de J. Wells gravado por Noel, s.d. (século XIX), MC. GRA. 187.



"O Palácio das Necessidades", litografia colorida de Salema, século XIX, MC. GRA. 1484.



"Ruínas da Praça da Patriarcal" (depois do terramoto de 1755), gravura de Jacques Phillipe Le Bas, 1755(?), MC. GRA. 441.



Capela de São João Baptista construída em Roma entre 1742-1744 e montada a partir de 1747 na Igreja de São Roque, Lisboa.



Esquízo de F. Juvara para o Palácio Real, Palácio Patriarcal e Igreja Patriarcal, realizado em Roma, 1717, para servir de base a um quadro a óleo de Gaspard Van Wittel enviado pelo embaixador de Portugal no Vaticano ao rei D. João V, MCT.

**1708 09 08** Inauguração da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, Chiado. **1709 08 05** Primeira experiência aerostática pelo Padre Bartolomeu de Gusmão, Casa da Índia (Terreiro do Paço). **1715** Publicação da *Gazeta de Lisboa*. **1718** Planta da cidade, Manuel da Maia. **1720 12 08** Criação da Academia Real da História Portuguesa. **1721 08 14** Primeira medida régia de salvaguarda do património cultural. **1728** Introdução da maçonaria em Lisboa **1732 08 16** Início da construção do Aqueduto das Águas Livres. **1732** Fundação da Livraria Bertrand, Chiado. **1733** Teatro do Bairro Alto, Palácio dos Condes de Soure. **1734** Fundação da Fábrica das Sedas, Rato. **1735** Inscrição da loja maçónica no rol da Grande Loja de Londres. **1741 11 30** Incêndio no Convento de São Francisco da Cidade. **1742** Início da construção do Palácio de Nossa Senhora das Necessidades. **1745** Início da obra da Mãe de Água das Amoreiras, Carlos Mardel. **1747 07** Touradas, com touros de morte, no Terreiro do Paço. **1748** Edificação do Arco das Amoreiras para comemorar a entrada das águas do Aqueduto em Lisboa.





# 14

## O TERRAMOTO E A LISBOA POMBALINA 1755-1789

"Triste tableau des effects causés par le Tremblement de Terre et incendies arrivés a Lisbonne le 1<sup>er</sup> Novembre 1755",  
gravura, 2.º metade século XVIII, MC. GRA. 28



1 de Novembro de 1755 foi memorável para Lisboa, pois sofreu nesse dia uma das piores catástrofes da sua história, marcada por violentos tremores de terra, seguidos de um tsunami e incêndios. O número de vítimas rondou os 10 a 12 mil; a capital tinha, à época, cerca de 250 mil habitantes. Uma parte considerável dos edifícios ruiu. A pronta intervenção dos seus actores principais - Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal, Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel - possibilitou o nascimento de uma *nova Lisboa*, sob a égide do Iluminismo. O plano foi aprovado em 1758, e a Baixa Pombalina ganhou forma e uma maior dinâmica económica e social, já em pleno reinado de D. Maria I, a Viradeira.



Sebastião José de Carvalho e Melo, de Louis Michel Van Loo (1707-1771), 1766. Óleo sobre tela. Col. Marqueses de Pombal, CMO.



"Vista do patíbulo que se viu na praça de Belém a 13 de Janeiro de 1759", gravura, 1759(?), MC. GRA. 725



Basílica da Estrela, inaugurada em 1789.  
"Lisbon from the Rua de San Miguel", gravura de Robert Batty, desenho de Thomas Jeavons, 1830, MC. GRA. 1517.

Carta topográfica da parte mais arruinada de Lisboa tal como se encontrava antes do terramoto de 1755 e que se destinava a servir de base às remodelações urbanas subsequentes àquela catástrofe, Manuel da Maia, DSE, 2342 -2-1622D.



Planta topográfica de parte de Lisboa numa litografia colorida em que se copia o projecto aprovado para a reconstrução da cidade apresentado por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, segundo versão publicada por João Pedro Ribeiro, edição de 1949, GEO.



Vista aérea da Baixa Pombalina, cerca de 1905, GEO.

1755 03 31 Inauguração do Teatro Real da Ópera do Tejo. 1755 11 01 Grande terramoto na manhã de Sábado. 1756 Criação da Casa do Risco das Obras Públicas. 1758 Aprovação do Plano de reconstrução da cidade. 1758 09 03 Atentado contra o rei D. José. 1759 09 03 Expulsão da Companhia de Jesus por carta de D. José I. 1760 09 03 Primeira pedra da Igreja da Memória, no local do atentado a D. José. 1761 03 07 Fundação do Real Colégio dos Nobres. 1764 Início da construção do Passeio Público. 1767 Reconstrução da Igreja de Santo António. 1769 09 26 Criação do Hospital Real de São José, no Convento de Santo Antão. 1769 05 10 Incêndio na Igreja da Patriarcal. 1771 06 29 Criação da Fábrica Nacional da Cordoaria. 1774 05 05 Edital que atribui mesteres e comércios não arruados nas Ruas Áurea, Bela da Rainha e Nova da Princesa. 1775 06 06 Inauguração da estátua equestre de D. José I, Terreiro do Paço. 1775 Construção da Real Barraca de madeira para residência da família real, no Alto da Ajuda. 1777 02 27 Levantamentos populares contra o Marquês de Pombal. 1777-1780 Praça de Touros do Salitre. 1779 10 24 Colocação da primeira pedra da Basílica da Estrela. 1780 10 29 Inauguração da Casa Pia de Lisboa. 1780 12 17 Inauguração da iluminação pública. 1782 Fundação do café *Martinho da Arcada*, Terreiro do Paço. 1784 04 03 Primeira experiência aerostática com um balão de ar quente, direcção do Padre João Faustino, entre a Ajuda e Cacilhas. 1793 06 30 Inauguração do Teatro de S. Carlos, Chiado. 1795 11 09 Primeira pedra do Palácio da Ajuda. 1796 Criação da Real Biblioteca Pública. 1798 Descoberta das ruínas do Teatro Romano de Olisipo, Rua de São Mamede. 1802 Constituição da primeira Grande Loja maçónica portuguesa, denominada Grande Oriente Lusitano.





# 15

## A PARTIDA DE JOÃO VI PARA O BRASIL E AS INVASÕES FRANCESAS 1807-1811

Com o aproximar do fim do Antigo Regime, Lisboa sofreu uma fase de convulsões marcada pela retirada de D. João VI para o Brasil, em 29 de Novembro de 1807, com o objectivo do rei não ser capturado pelo exército napoleónico comandado por Junot que, no dia seguinte, passou a dominar a cidade, até que foi expulso em 1808. Esta foi a última invasão estrangeira da capital portuguesa, durante a qual sofreu as grandes provações que marcam os tempos conturbados da chamada Guerra Peninsular, que em Portugal se prolongou até 1811.



Partida de D. João VI para o Brasil em 27 de Novembro de 1807, Henry L'Evêque, gravura aberta a água forte por F. Bartolozzi impressa em *Campaigns of the British army in Portugal (...)*, Londres, 1812. Legenda: "Departure of His R. H. the Prince Regent of Portugal for the Brazils", MC, GRA. 1550.

Quatro desenhos aquarelados *grisaille* de Luís António Xavier com representações de eventos relativos às invasões francesas, s.d. (século XIX), MC. PIN. 283, 284, 282, 285.



Embarque de D. João VI para o Brasil. Legenda: «Le Congé du Prince avant de s'embarquer le jour 27 Novembre 1807».



Entrada dos franceses em Lisboa. Legenda: «La Veritable entrée des protecteurs en Lisbonne le 30 Novembre de 1807».



Junot passa revista às tropas francesas no Rossio. Legenda: «La superbe revue des Protecteurs en Lisbonne dans la Place de la Parade».



Embarque no Cais do Sodré do general Junot na sua retirada para França. Legenda: «L'embarquement du chef des protecteurs le jour 15 Septembre 1808 a six heures du matin».

**1807** Planta da Cidade, Duarte Fava. **1807 11 27** Embarque da Família Real e da Corte para o Brasil. **1807 11 30** 1ª Invasão Francesa. **1807 12 13** Motins populares depois de Junot ter mandado hastear a bandeira francesa no Castelo de S. Jorge. **1808** Fundação da Companhia de Seguros Bonança. **1809 05 13** Récita de Marcos de Portugal no Real Teatro de S. Carlos. O final da cantata viria a ser Hino Nacional até 1834. **1810 09** Movimento político. Setembrizada, prisão dos afrancesados. **1812** Pastelaria Baltresqui, Largo de Santa Justa, a mais antiga da cidade. **1815** Inauguração do Teatro do Bairro Alto ou de São Roque. **1820** População de Lisboa: 210 000 habitantes. **1820** Café Marrare do Polimento.

("Sopa de Arroios", representação de populações refugiadas em Lisboa durante a terceira invasão francesa em 1811, Domingos António de Sequeira, gravura a buril e água-forte de Gregório Francisco Queirós, Lisboa, 1813, MC GRA. 1548





# 16

## A VITÓRIA DO LIBERALISMO ENTRE A REVOLUÇÃO DE 1820 E O FIM DA GUERRA CIVIL 1832-1834

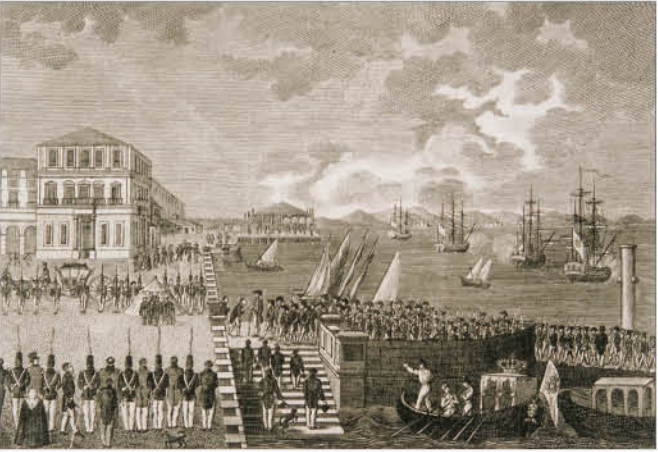
Alegoria à Constituição, Domingos António de Sequeira, óleo sobre tela, MNAA.



O período liberal delimitado entre 1820-1834, decorre da longa crise da Sociedade do Antigo Regime e é, historicamente, significativo. Na verdade Portugal sofreu, como toda a Europa, influência dos ideais liberais, legado ideológico da Revolução Francesa. Em 24 de Agosto de 1820, a sublevação militar do Porto que deu início à revolta liberal, obrigou D. João VI a regressar ao País, após vários anos no Brasil. A nova filosofia política liberal que preconizava uma ideia de progresso baseado na liberdade do indivíduo, deu origem a um período conturbado de guerra civil. Liberais e Absolutistas digladiaram-se até que a entrada dos liberais, em Lisboa, a 24 de Julho de 1833, deu início ao fim destas guerras fratricidas acabadas em 1834.



Chegada da Junta Provisional do Governo a Lisboa em 4 de Outubro de 1820, gravura a água-tinta de António Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado, c. 1820, MC. GRA. 1357



"Desembarque de D. João VI", gravura a buril pontado de Constantino de Fontes, c. 1821, MC. GRA. 1350.



"Entrada Triunfante de Sua Magestade o Senhor D. João VI e de seu Augusto Filho na capital" (Vilafrancada), Julho de 1823, litografia, MC. GRA. 1343.



"Victoria da Legitimidade", alegoria à entrada dos liberais em Lisboa em 24 de Julho de 1833 após a retirada dos miguelistas, litografia de Maurício José do Carmo Sendim, 26 de Julho de 1833, BNP, E 308 A.

1820 09 16 Governo interino após vitória da Revolta Liberal. 1820 11 11 Martinhada, movimento político que entrega o poder ao marechal Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda. 1821 01 24 Abertura das primeiras Cortes Constituintes. 1821 07 04 Desembarque de D. João VI e da Família Real no Terreiro do Paço. 1822 10 01 Juramento da Constituição por D. João VI. 1833 05 27 Vilafrancada, movimento político liderado por D. Miguel. 1824 04 30 Abrilada, movimento político que, depois de derrotado, levou D. Miguel ao exílio. 1826 07 31 Infanta D. Maria jura a Carta Constitucional. 1827 07 25 Archotadas, movimento político em defesa da Carta Constitucional. 1828 02 26 D. Miguel jura a Carta Constitucional e assume a Regência. 1831 07 03 Inauguração da Praça de Touros de Santana. 1834 05 28 Extinção das ordens religiosas. 1836 Incêndio no Palácio dos Estaus. 1836 09 09 Revolução Setembrista, movimento liberal radical. 1836 11 02 Belenzada, golpe de estado para repor a Carta Constitucional. 1837 Publicação do 1º número de *O Panorama*. 1837 Circulação do primeiro transporte colectivo, os "Ómnibus". 1837 01 04 Extinção do Colégio dos Nobres. 1840-1841 Inauguração dos cemitérios dos Prazeres e do Alto de São João. 1842 Fundação do Jardim da Estrela. 1846 04 13 Inauguração do Teatro D. Maria II. 1846 12 26 Criação do Banco de Portugal. 1847 02 08 Entrada em funcionamento do transporte público do "Americano", Santa Apolónia - Belém. 1848 07 30 Início da iluminação a gás.





## O CRESCIMENTO DE LISBOA ENTRE A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO-DE-FERRO E AS COMEMORAÇÕES DO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES 1856-1880

Medalha da inauguração do caminho de Ferro em Portugal em 1856, bronze, MC. MED. 4610.



Lisboa passa, neste período, por um profundo processo de modernização e requalificação, baseado num ideal de *embelezamento* que reflecte a relação entre a economia portuguesa e a economia internacional. Investimento externo, inovação tecnológica e científica, desenvolvimento industrial e, principalmente, a inauguração do Caminho-de-Ferro, foram determinantes para o posterior desenvolvimento do país. O

pragmatismo político da Regeneração, que abandonou as questões partidárias para se concentrar num verdadeiro projecto de remodelação de Lisboa, tornou possível comemorar com brilhantismo as festas comemorativas do Tricentenário da Morte de Camões, em 1880. Festas que tiveram a participação de muitas individualidades republicanas e foram aproveitadas para a divulgação dos seus ideais políticos.



Caminho-de-ferro de Leste – Ponte de Xabregas. *Arquivo Pitoresco*, vol 1, nº 5, 1857, p. 33. GEO.



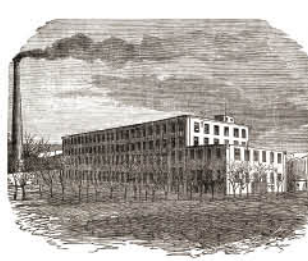
Passeio Público – Iluminação para as Festas de Caridade. *Arquivo Pitoresco*, vol 1, nº 6, 1857, p. 41. GEO.



Teatro de D. Maria II, *Arquivo Pitoresco*, vol 6, nº 5, 1863, p. 33. GEO.



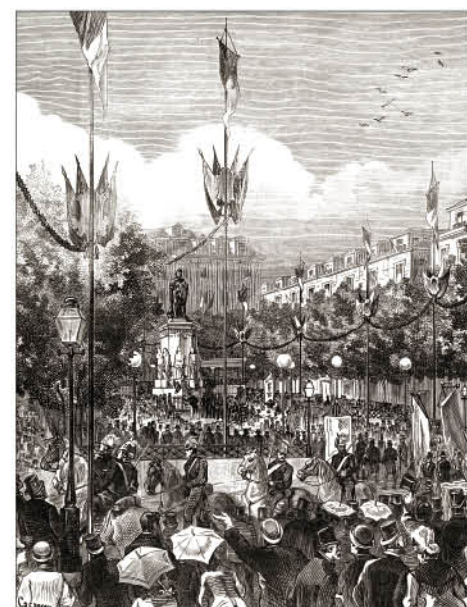
Escola Politécnica de Lisboa. *Arquivo Pitoresco*, vol 6, nº 54, 1863, p. 269. GEO.



Fábrica de Fiação de Tecidos de Algodão, em Santo Amaro. *Diário Ilustrado*, nº 506, 14 de Janeiro de 1874, p. 42. GEO.

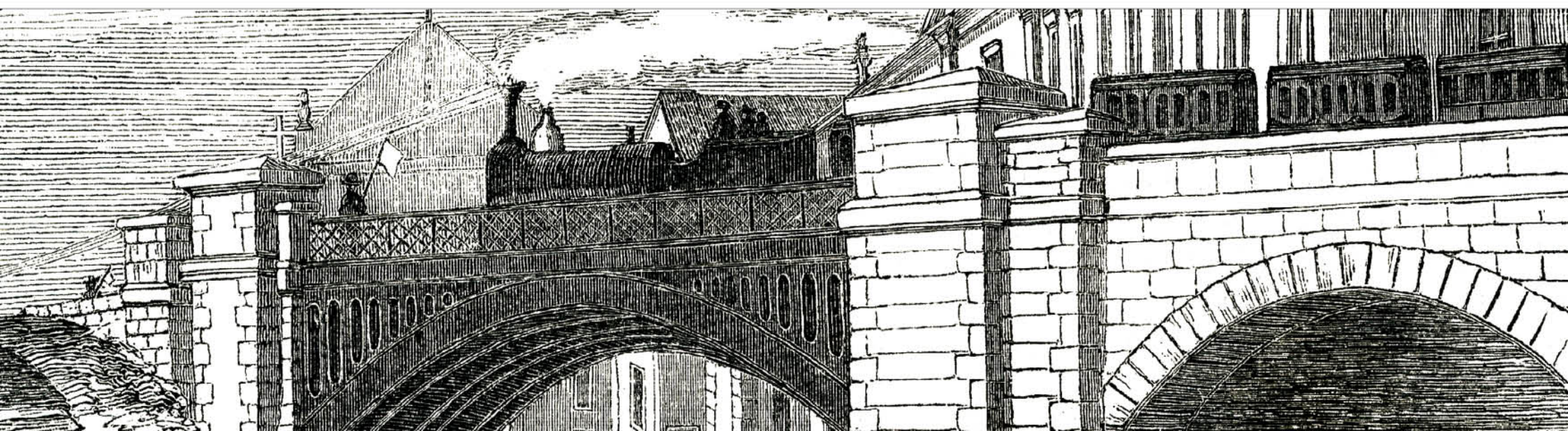


Edificações da Companhia das Águas na Cerca dos Barbadinhos. *O Ocidente*, vol III, nº 68, 1880, p. 169. GEO.



Festas do Centenário de Camões – Chegada do cortejo cívico à Praça Luís de Camões. *O Ocidente*, vol III, nº 61, 1880, p. 109. GEO.

1856 10 28 Inauguração da primeira linha de caminho de ferro em Portugal, de Lisboa ao Carregado. 1857 07 01 Início da publicação da revista *Arquivo Pitoresco*. 1858 05 16 Início da ligação por mala-posta Lisboa-Gaia. 1863 11 19 Violento incêndio no edifício dos Paços do Concelho. 1864 06 07 Conclusão da linha de caminho-de-ferro do Norte, até Gaia. 1865 05 01 Inauguração da Estação de Santa Apolónia. 1867 10 09 Inauguração do Monumento a Luís de Camões, Praça Camões. 1867 11 30 Inauguração do Teatro da Trindade. 1870 01 31 O Transporte público "Larmanjat", circula pela primeira vez em Lisboa. 1879 08 24 Início das obras da Avenida da Liberdade, inaugurada em 28 de Abril de 1886. 1881 01 04 Publicação do 1º número do jornal *O Século*. 1882 05 08 Primeira pedra do monumento ao Marquês de Pombal. 1882 04 26 Inauguração da rede telefónica. 1884 04 19 Funcionamento do elevador do Lavra. 1884 05 28 Inauguração do Jardim Zoológico no Parque de São Sebastião da Pedreira, Palhavã. 1892 08 18 Inauguração da Praça de Touros do Campo Pequeno. 1896 07 18 Primeira projecção cinematográfica em Lisboa, no Real Coliseu da Rua da Palma. 1901 08 31 Inauguração dos transportes colectivos de tracção eléctrica. 1904 Inauguração do Bairro Operário Grandella. 1906 04 03 Apresentação dos candidatos republicanos a deputados por Lisboa. 1906 08 19 João Franco vence as eleições e inicia um período de ditadura. 1907 Início do serviço de Táxis.





# 18

## DO REGICÍDIO AO FIM DA PRIMEIRA REPÚBLICA 1908-1926

No dia 5 de Outubro de 1910 a República é proclamada nos Paços do Concelho de Lisboa. O movimento republicano triunfante afirmou-se depois da Monarquia ter ficado fortemente abalada, em 1908, devido ao regicídio de D. Carlos e do Príncipe Real, na Praça do Comércio. Apesar dos esforços desenvolvidos pelos republicanos, em prol de medidas conducentes ao desenvolvimento do país, os efeitos da agitação política e social, que se viveram durante a Primeira República, agravados pelos problemas colocados pela Grande Guerra, determinaram a vivência na capital nesta época. Os sonhos que a República despoletou acabaram por ruir em 1926, sob os efeitos de um regime ditatorial que se impôs pela força.



A revolução republicana, o povo em frente à Câmara Municipal aclama a proclamação da República. 1910, AML/AF – A4227.



Inocêncio Camacho lendo os nomes dos membros do Governo Provisório, na janela da Câmara Municipal, na manhã de 5 de Outubro após a proclamação da República, *Ilustração Portuguesa*. N. 243, 1910, p. 490, GEO.



Reconstituição do regicídio, desenho de Alfredo Moraes no suplemento humorístico de *O Século*, reproduzido na *Ilustração Portuguesa* de Março de 1908, GEO.



A cidade de Lisboa elege a primeira vereação republicana. [1908], Quadro de Veloso Salgado, 1913, MC.



A revolução de 5 de Outubro de 1910: [Rotunda], AML/AF – A11489.



Golpe militar do 28 de Maio, o general Gomes da Costa seguido do seu estado-maior durante a parada militar realizada no Campo Grande, após a sua vitória. 1926, AML/AF – B09424.

**1908 02 01** Regicídio no Terreiro do Paço. Morte do rei D. Carlos I e do príncipe D. Luís Filipe. **1908 06 28** Grande comício republicano em Lisboa. **1910 10 05** Proclamação da República no edifício dos Paços do Concelho. **1910 11** Comícios e greves na cidade. **1910 12 01** Bandeira Nacional da I República Portuguesa, segundo o modelo de Columbano Bordalo Pinheiro. **1913 10 20** Revolta monárquica na cidade. **1917 12 05** Revolta militar chefiada por Sidónio Pais que depôs o Presidente Bernardino Machado. **1919 01 22** Revolta dos Monárquicos de Lisboa. **1921 10 19** Noite Sangrenta, movimento revolucionário em que foram assassinados chefes políticos e republicanos históricos. **1922 03 22** Início da travessia aérea do Atlântico Sul, Gago Coutinho e Sacadura Cabral. **1926 05 28** Golpe militar liderado por Gomes da Costa que inicia a ditadura militar. **1926 06 06** Gomes da Costa entra em Lisboa, à frente de uma imponente parada militar. **1926 06 22** Estabelecimento da censura à imprensa. **1926 08 15** Inauguração da electrificação da linha férrea entre o Cais do Sodré-Cascais. **1928** Primeira ligação telefónica internacional Lisboa-Madrid. **1928 07 20** Revolta militar de Mendes dos Reis contra a ditadura. **1928 08 18** Inauguração da Estação de Comboios do Cais do Sodré. **1932 07 02** Inauguração da Estação Sul e Sueste. Cottinelli Telmo.

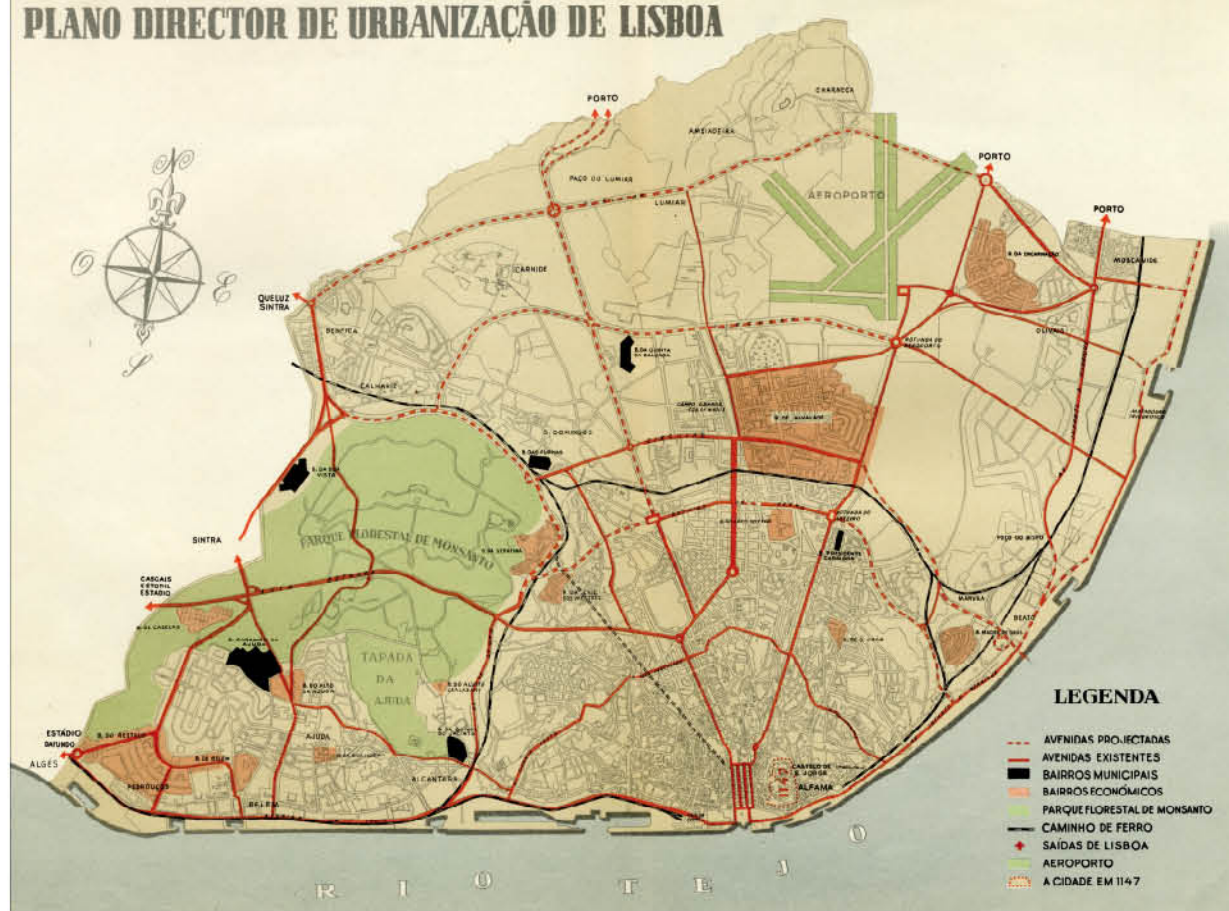




# 19

## A LISBOA DO ESTADO NOVO E A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS 1933-1974

O Estado Novo com o seu regime autoritário e repressivo alimentou desejos de grandeza que acabaram por se reflectir na renovação de uma Lisboa capital do Império. Esta visão macrocéfala da cidade foi protagonizada pela acção de Duarte Pacheco, e manifestou-se, particularmente, numa emblemática Exposição do Mundo Português, em 1940. Esta iniciativa decorreu nos tempos difíceis da Segunda Grande Guerra, cujo armistício trouxe a esperança do fim da ditadura em Portugal, o que não se concretizou. A expectativa na mudança para a democracia iria renascer com a candidatura de Humberto Delgado, malograda, e, mais tarde, com a chegada ao poder de Marcelo Caetano. Porém, o marcelismo revelou-se uma continuidade do regime de Salazar.



Plano Director de Urbanização de Lisboa. 1935-1958, in *Lisboa: Oito Séculos de História*, Lisboa, CML, 1947, GEO.



Panorama da Praça do Império com fonte luminosa na Exposição do Mundo Português, 1940, GEO – DDP-FT 2233.



Praça do Areeiro. Anos 40-50, AML/AF – B086720.



Primeira conferência de imprensa do candidato Humberto Delgado. Café Chave d'Ouro, no Rossio. 1958, FHD.



Morte de Salazar. 1970, *Flama*. N. Extra, 27-07-1970, capa, HML.

(em baixo) Ponte Salazar [actual 25 de Abril]. Remonta ao final do séc. XIX a primeira ideia de construir uma ponte que ligasse Lisboa a Almada, sendo aventadas, a partir de então, várias hipóteses. Duarte Pacheco também apresentou uma proposta para construção de uma ponte rodo-ferroviária (sem efeito). Somente no ano de 1966 seria inaugurada a ponte sobre o rio Tejo.

**1933 04 11** Constituição Política da República Portuguesa. **1933 08 20** Criação da PIDE, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado. **1934 05 13** Inauguração do Monumento ao Marquês de Pombal. **1935** Primeiros edifícios do Instituto Superior Técnico. Arq. Pardal Monteiro. **1938 10 13** Inauguração da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Arq. Pardal Monteiro. **1940** Inauguração da estrada Marginal Lisboa-Cascais. **1940 06 23** Inauguração da Exposição do Mundo Português. **1941 05 28** Inauguração do Viaduto Duarte Pacheco. **1942 10 15** Inauguração do Aeroporto de Lisboa. **1944 04 09** Início das primeiras carreiras de autocarros na cidade. **1946 01 31** Manifestação do MUD. Exige-se o fim da Ditadura e a instauração de um regime democrático. **1954** Início do funcionamento do Hospital de Santa Maria. Arq. Walter Diestel. **1956 09 04** Primeira emissão experimental da Rádio Televisão Portuguesa, feira Popular de Lisboa, Palhavã. **1958 05 10** Conferência de imprensa de Humberto Delgado no café Chave d'Ouro. Lançamento da sua candidatura a Presidente da República. **1959 12 29** Inauguração do Metropolitano de Lisboa. **1961 10** Manifestação e Carta aberta de Amílcar Cabral ao Governo exigindo a solução pacífica do problema da Guiné e Cabo Verde. **1962 03** Crise académica de Lisboa. **1966 08 06** Inauguração da Ponte sobre o Tejo. **1972 12 30** Ocupação da Capela do Rato, aprovação de uma moção que condena a guerra colonial. A polícia faz detenções. **1973 01 06** Início da publicação do semanário *O Expresso*. **1973 10 28** Manifestação exigindo o fim da guerra colonial e o estabelecimento de um regime democrático.





# 20

## DA LISBOA REVOLUCIONÁRIA À LISBOA DA EUROPA COMUNITÁRIA 1974-1207

Tropas revolucionárias junto do edifício da Câmara Municipal. 25-04-1974, AML/AF – A83310.



Na madrugada do dia 25 de Abril de 1974, Lisboa acordou para a liberdade graças ao Movimento das Forças Armadas, que restabeleceu a democracia. As primeiras eleições livres ocorreram um ano depois, e a maciça afluência às urnas mostrou a vontade dos portugueses em viverem a sua cidadania. Após um período de agitação política e social, Lisboa e o país (confinado às suas fronteiras europeias após a descolonização) adquiriram uma dinâmica de progresso, sobretudo depois da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia. Um dos eventos mais marcantes da história recente da capital, pela sua dimensão universalista, foi a Expo'98, integrada no plano de Lisboa "Capital Atlântica", cosmopolita e multicultural, fronteira e limite da Europa com o Oceano Atlântico.



25 de Abril de 1974, *Diário Popular* (primeira página, 25-04-1974); *Vida Mundial*. N. 1821, (capa, 03-05-1974); *República* (primeira página, 25-04-1974), HML.



Primeiras eleições livres. 25-04-1975, *Flama*. Outubro 1975, p. 27, HML.



Retornados no Aeroporto de Lisboa, 1975, *O Século Ilustrado*, nº 1970, 11-10-1975, p. 12, HML.



Mário Soares assina o Tratado de Adesão à CEE. 12-06-1985, foto cedida pelo *Expresso*.

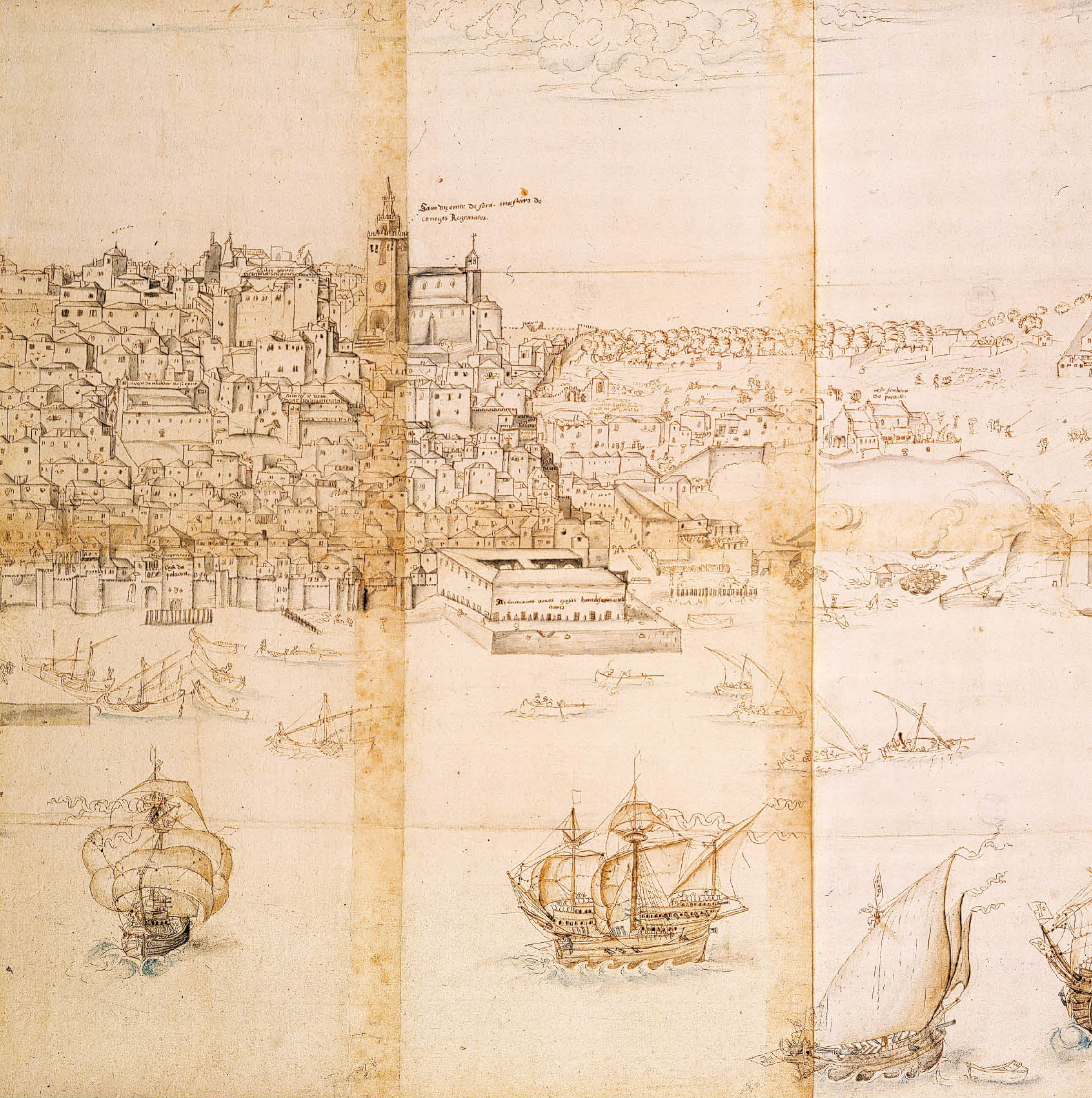


Parque das Nações: Pavilhão dos Oceanos (Oceanário), 1998.

**1974 04 25** Revolução do 25 de Abril de 1974. Golpe militar em que o MFA leva à rendição de Marcelo Caetano e à constituição da Junta de Salvação Nacional. **1974 04 28** Chegada a Santa Apolónia dos dirigentes políticos vindos do exílio. **1974 04 30** Chegada de Álvaro Cunhal ao aeroporto de Lisboa. **1975 03 11** Tentativa de golpe de Estado por militares afectos ao general Spínola. **1975 07 19** Manifestação na Fonte Luminosa. Mário Soares denuncia e rejeita a radicalização da situação política, e exige o afastamento de Vasco Gonçalves. **1975 11 23** Chegada a Lisboa das últimas tropas da guerra colonial, regressadas de Angola. **1975 11 25** Golpe militar que põe fim ao período revolucionário da esquerda radical. **1976 07 23** Posse do I Governo Constitucional, chefiado por Mário Soares. **1977 02 12** Último número do jornal *O Século*. **1977 07 23** Estabelecimento de medidas de apoio por parte do governo a cidadãos nacionais vindos das ex-colónias. **1981** População de Lisboa: 807 937 habitantes. **1983 05 07** Inauguração da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. **1985 06 12** Assinatura do Tratado de Adesão de Portugal à CEE no Mosteiro dos Jerónimos. **1988 08 25** Grande incêndio na zona do Chiado. **1993 03 21** Inauguração do Centro Cultural de Belém. Vitorio Gregotti e Manuel Salgado. **1994 02 26** Início da *Lisboa 94: Capital, Europeia da Cultura*. **1998 05 22** Inauguração da Expo 98. **2007 12 13** Assinatura do *Tratado de Lisboa*.







A História de Lisboa confunde-se com a História de Portugal. Esta afirmação, apesar de se revelar de uma evidência consensual, deve por isso mesmo suscitar uma reflexão crítica e prática sobre quais são os tempos fortes que marcam essa relação tão íntima entre o passado da cidade e o do País a que pertence.



lisboa

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA